

HISTÓRIA DAS ORDENS ESOTÉRICAS

© 2011 Cafh

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

1. AS LENDAS DAS ORDENS ESOTÉRICAS	3
2. A SABEDORIA ÁRABE ESOTÉRICA E A MULHER VELADA	5
3. O ANTIGO EGITO	7
4. O TEMPLO DA INICIAÇÃO.....	11
5. AMON NAS ESCOLAS HELÊNICAS.....	14
6. O REI ARTUR, O SANTO GRAAL E A TÁVOLA REDONDA E SEUS CAVALEIROS.....	17
7. ANTIGOS CERIMONIAIS INICIÁTICOS DOS CAVALEIROS	21
8. O CAVALEIRO DA ETERNIDADE.....	26
9. AS PROVAS INICIÁTICAS.....	28
10. AS ORDENS MILITARES CRISTÃS	33
11. A CORTE DE CATARINA DE MÉDICI.....	36
12. OS ORÁCULOS ASTROLÓGICOS	38
13. A MAGIA CIENCISTA.....	41
14. O MARTINISMO	42
15. SAINT-GERMAIN E OS ROSA-CRUZES.....	45
16. A REVOLUÇÃO FRANCESA E AS LOJAS LIBERAIS	47

AS LENDAS DAS ORDENS ESOTÉRICAS

1a. Ensino

Miguel, o Chefe da Hoste do Fogo, havia purificado entre trovões, relâmpagos e chamas, uma Montanha Sagrada. Durante séculos brilhou nela um fogo vulcânico de terrível poder que, vomitando lava ardente e pedras calcinantes, formava um círculo impenetrável.

Se alguém pretendesse chegar a esse lugar, seria preciso que caminhasse para o Oriente por terrenos insalubres, pantanosos e inóspitos. Depois encontraria uma terra verde e ondulante que descia suavemente até a beira de um lago de águas salgadas, imóveis e transparentes, dissimulando com sua mansidão a fúria desencadeada nos dias tormentosos.

Mais adiante, um imenso barranco, um precipício de fundo indeterminado, faria perder toda a esperança de encontrar um caminho, uma senda, para alcançar o vulcão que ao longe se erguia mostrando sua fronte soberba, sempre coroada de fogo e de brancas nuvens que ocultavam sua base no profundo do abismo.

Passaram-se os séculos. Os dilúvios se precipitaram sobre a terra. O planeta foi sacudido repetidas vezes por terríveis convulsões. E voltou a calma.

Um sudário de neve cobriu os pântanos. O lago salgado secou, tornando-se um deserto arenoso; o precipício tornou-se mais abrupto e parecia estar morto para sempre o vulcão da Montanha Sagrada.

Onde estava Miguel e suas hostes resplandecentes? Onde estava sua coroa, aquela de fogo, chama, resplendor e morte?

Ainda vivia a ígnea força nas entranhas da Montanha e, embora não se vissem as chamas, podia-se sentir a vida, a fervente vida borbulhar.

E num dia luminoso –maravilhoso dia!– em que o arco-íris sulcava os céus desde o levante até o poente, uma procissão de homens, vestidos de branco, pisou pela primeira vez aquelas paragens virgens, jamais calcadas pelo pé do homem.

Mas... eram homens? Anjos? Quem eram?

Os que encabeçavam a procissão, jovens imberbes, delgados, com olhos de sonho e de febre, caminhavam lentamente. A emoção juvenil reprimida, ainda não de todo dominada, era visível, apesar da lenta marcha, por rápidos movimentos de cabeça.

Seres mais maduros iam no meio da fila. Fortes, graves, belos, com os olhos entreabertos e as mãos brancas como as mãos da morte.

Porém os que encerravam a mística procissão, anciãos de barba branca, de cabelo de neve fluando ao vento, não tinham de homens mais do que a aparência externa.

Quem poderia entender sua linguagem, aquele idioma cujas palavras foram pronunciadas ao pé da Montanha, quando já haviam formado um círculo de homens?

Os anciãos falavam o idioma dos deuses e somente seus discípulos podiam entendê-los. Indicavam-lhes uma senda na Montanha; ocos nas pedras que seriam celas e moradas;

pedras incrustadas no monte para ser seu assento e fortaleza: ninhos de águias; ninhos de santos.

Havia no clima aquela solenidade que sempre anuncia a vida ou a morte. Um daqueles seres tinha na mão um grande livro selado: era o Livro da Mãe Divina.

Ao anoitecer entoaram um canto; as notas do hino místico se elevavam serenamente da terra ao céu, como o grito da Mãe despertando do sono para enfrentar-se com a eternidade. Os anciãos flutuavam no ar e assim, subindo gradativamente, envoltos em nuvens e resplendores, perderam-se entre os véus da noite aos olhos dos discípulos que scrutavam as sombras.

Aquele foi o Templo, o santuário e a escola. Perfuraram a Montanha como um enxame de abelhas, penetrando até o interior do monte. Construíram o Templo redondo sobre a boca ainda quente da cratera e escreveram o Nome e o Signo da Mãe sobre o pico mais alto dessa Montanha.

Sobre as paredes dessas celas de rocha viva foram escritas as ensinanças esotéricas e a realização de cada um dos discípulos dos grandes Iniciados dos primeiros tempos.

E quando um discípulo se levantava no ar para ir à em busca de seu Mestre, outro o substituíam em sua cela do Templo da Montanha.

Quantos anos se passaram? Quantos homens moraram nessa solidão? Quantas almas subiram até o cume do monte e compreenderam o mistério dos Mantras?

Porém foi dada a notícia: Kaor morreu! Não há mais fogo na Montanha. Amanhã cairá para sempre.

Para o Egito marcharam outra vez aqueles seres, em branca fila, em solene procissão.

Quem dominaria o mundo?

O estrondo da destruição e do movimento sísmico que afundava Kaor no abismo, ou o Canto da Eternidade que modulavam aqueles seres caminhando para frente, sem voltar-se, sempre para adiante, rumo ao porvir, rumo aos novos homens, às novas coisas: rumo à realização?

O mar e o deserto são irmãos: ambos guardam as relíquias dos tempos passados e a história das civilizações perdidas. São como Deus, que esconde sob seu manto as maravilhas de Sua Presença em sua passagem pelo mundo.

À beira do mar e à borda dos desertos vivem sempre raças estranhas de homens: algo selvagens, encerrados em si mesmos, desconfiados dos demais mortais. Verdadeiros guardiães das rochas ou das dunas ondulantes.

Em uma parte do deserto que guarda um pedaço da Atlântida perdida, no centro do Saara, vivia uma raça de homens completamente diferentes de todos os demais.

Antes haviam sido adoradores das mesas de pedra, banhadas com leite e óleo; mais tarde aderiram à seita do Profeta. Porém, sua verdadeira religião era outra: guardar uma mesa negra e quadrada, recordação de uma antiquíssima Távola esotérica.

Estes eram os descendentes daqueles primitivos mestres das Montanhas de Kaor.

A SABEDORIA ÁRABE ESOTÉRICA E A MULHER VELADA

2a. Ensino

Já é sabido que entre os orientais não só se admitiam mulheres na Ordem senão que até podiam chegar a ocupar o cargo supremo. E foi uma mulher, há aproximadamente 2.500 anos, que dirigiu os destinos da Távola de Hoggard.

Era uma alta entidade que pela última vez descia ao mundo físico com vestes humanas. Por isso haveria de ser como um símbolo, como uma recopilação da era mental que se ia, para dar passagem à era do sentimento cristão que despontava.

Abbhumi, a mulher que não tem corpo, pois seu corpo foi puro e perfeito, desde menina foi educada e preparada para exercer o sacerdócio da Sabedoria.

Os Cavaleiros montados em camelos, de brancos turbantes e capas ondulantes ao vento, ensinaram-lhe os sete idiomas, os sete poderes e as sete fórmulas mágicas.

A que mais pode aspirar um ser vivente? Fortificar-se cada vez mais naquele místico castelo que é a sua única morada, onde a sabedoria e o conhecimento são o pão e o amor e nenhum hálito humano empana aquelas sagradas muralhas.

A mãe de Abbhumi morreu quando ela nascia. Seu pai a adorava e venerava, porém o amor entre eles não era mais que uma compreensão expressiva da mente.

O coração dela era frio e branco como o cume do monte Meru. A morte, a dor, a miséria, o amor e os deleites humanos eram para Abbhumi distorções ilusórias dos véus da Mãe.

Será ela contada no número daquelas almas seletas que durante centúrias conquistaram, para a vida esotérica, o fruto da mais pura sabedoria?

Cavalgando pelo deserto avançam dois viajantes, perdidos nas miragens das areias. A fome, o cansaço, o desespero, a debilidade e a loucura próxima, logo acabarão com eles.

Oskar, o compassivo, pede ajuda para eles, porém a Mãe do deserto responde: “Deixai que neles se cumpra a lei do deserto”.

Outra vez pede o compassivo:

– “Permita-me, Mãe, que eu salve essas vidas”.

Ela responde:

– “Salva suas carnes, se queres. E se podes, salva suas almas”.

Apressadamente, o árabe, com seus camelos, corre para salvar os perdidos e retorna com eles a Hoggard.

Por que consente a Mãe à súplica de seu discípulo e recebe e visita os estrangeiros?

Um sentimento novo nasceu nela. Sua alma fixou-se em outra alma que a olha implorante e dolorida. Sente piedade e, espantada, se pergunta:

“É este o amor humano?”

Onde está tua Sabedoria, ó Mãe?

De que te valem os segredos que conheces se não consegues dominar os sentimentos de piedade que em ti despertaram e cavalgam desenfreadamente sobre as nuvens da ilusão?

Abbhumi conhecerá agora as dores dos homens, suas horas amargas e padecerá pensando como auxiliá-los.

Está de luto Hoggard e abandonado o Selo Sagrado. Desolados estão os sábios porque a Mãe não acende diariamente sua lâmpada.

Que morra o culpado!

Inutilmente Oschar procurará salvar a sua vida e avisar a Mãe. A alma vale mais que o corpo e o estrangeiro há de morrer.

Esta morte, não obstante, não devolveu a Abbhumi sua antiga Sabedoria porque abriu em seu coração um novo sulco: o do sentimento.

Desde então uma corrente nova foi engendrada: com a Sabedoria, o Amor.

Desde então as Ordens Esotéricas se dividiram em duas grandes correntes de força: a do Saber, onde predomina o conceito politeísta de Deus, e o culto às ciências; e a do Amor, onde predomina o conceito monoteísta de Deus, com o culto à salvação da humanidade.

O ANTIGO EGITO

3a. *Ensinança*

É necessário repetir uma vez mais a antiga e sempre atual pergunta: existe um Deus Criador, ou não existe? E, uma vez que se tenha ideias claras, próprias a esse respeito, deve-se deixar que a consciência responda.

Em fins do século XIX, na antessala da câmara mortuária de um ilustre biólogo, reuniram-se seus amigos, de diversas tendências, como se pode imaginar tratando-se de um homem famoso. Um católico, conversando com um cavalheiro ancião, expressou seu pesar pelo fato de o moribundo não se ter reconciliado com Deus. O senhor acredita, perguntou o cavalheiro, que ele esteja longe de Deus? O católico disse que sim, que era ateu, que havia orientado muitos no caminho da descrença. O cavalheiro insistiu: pode-se acreditar que um ser tão grande, tão profundo conhecedor do homem e da natureza, possa estar afastado de Deus?

Porém, existem ateus? Não se alude aqui a seres que o afirmam sem haver refletido, talvez incapazes disso; e sim àqueles a quem esta questão preocupa profundamente.

Dos que creem em Deus, podem-se distinguir dois tipos.

Pertencem ao primeiro os que creem em um Deus Criador fora deles, diferente deles, que não podem alcançar, com o qual poderão unir-se.

Pertencem ao segundo tipo os que creem que o Eu faz parte da Unidade, de Deus, e tende, por expansão, a confundir-se com Ele.

É necessário fazer aqui uma resenha da razão de ser das correntes monoteístas e politeístas.

Não se explica nada afirmando que os primeiros creem em um só Deus e os últimos em vários deuses.

A raça ária, herdeira dos atlantes, ao desenvolver sua personalidade individual e racional, necessitou aferrar-se ao Eu e a projeção do Eu dava como resultado o monoteísmo. Um homem perfeito necessitava de um molde primordial perfeitíssimo: Deus.

O monoteísmo degenerou logo – segundo como o Eu se vincula ou se opõe ao mundo que o rodeia e às potências interiores desconhecidas para ele – em um Deus pessoal. Porém a mente do homem ário, ao traçar uma ponte entre o instinto e a intuição com a potência da razão, podia construir uma infinidade de imagens semelhantes à sua, mais ou menos perfeitas, podia criar representações mais ou menos exatas de seu molde divino, levando assim as almas ao politeísmo.

Passado o processo de densificação do ser, do descenso do Eu, há uma tendência deste a unir-se com outros entes separados: tende à expansão; e isto dá como resultado o politeísmo. Individualiza aspectos do mundo externo do Eu, aos quais quer unir-se.

Porém sempre o fundamental consiste em considerar que o Imanifestado se expressa através do Manifestado e que o Manifestado serve de assento ao Imanifestado.

O homem ário, à medida que ia aperfeiçoando seu próprio Eu, aperfeiçoou sua crença monoteísta e, à medida que ia aperfeiçoando suas possibilidades de similitude, desenvolveu e aperfeiçoou sua crença politeísta.

O culto politeísta atingiu sua máxima expressão no Egito, antes do culto pessoal de Osíris. Os sacerdotes desenvolveram a mente para conhecer mais e mais; não concebiam o amor como os monoteístas, e sim como algo mais elevado, divino. Muitos desses sacerdotes eram de sangue real e o Faraó sempre desposava uma mulher de seu sangue. Isto sucedeu durante milênios. Acreditavam que, se não fizessem assim, perderiam o poder divino e real, como de fato aconteceu.

Simultaneamente com o politeísmo dos sacerdotes de Amon, no reinado dos nômades negros – tanto na Ásia como na África –, predominava o culto monoteísta.

Nos Templos dos Sacerdotes de Amon e também nos Templos dos Sacerdotes de Mitânia, de Kush, de Punt e outros, eram guardadas as ensinanças esotéricas de ambas as correntes e se praticavam estritamente seus ritos.

Porém essas duas forças tinham que travar luta pelo seu predomínio, e isto aconteceu nos tempos, de Iknaton, primeiro personagem histórico da grande era do Egito, quando se desencadeou a guerra religiosa chamada de “os dois sóis”.

No tempo da Dinastia XVIII apareceram no Egito os primeiros sintomas da crise religiosa que haveria de culminar com a luta dos dois sóis: Amon e Aton.

Tutmosis IV casou-se com uma princesa asiática de Mitânia e a essa influência asiática deve-se atribuir a importância das mudanças religiosas que se seguiram, pois quando seu neto Amenófis IV subiu ao trono, no ano 1375 a.C. começou a luta contra o Templo de Amon, e como nem ele nem sua esposa Nefertiti, também de origem asiática, fizeram o juramento tradicional ao Deus Amon, foi chamado mais tarde de o Faraó herege.

Tinha 12 anos ao subir ao trono e em seguida mostrou-se abertamente adepto do Deus Único, que chamou com o nome de Sol Aton, e tomou o nome de Iknaton (satisfeito está Aton).

A escola esotérica monoteísta ia ganhando terreno: o conceito do Deus Único –não se veneravam imagens na religião de Aton–, e sim um disco solar que estende seus raios, os quais terminam em forma de mãos que sustentam o Ank, signo da vida, e o conceito da fraternidade universal os animava. A escola de Amon com suas grandes hierarquias e seu culto de muitos deuses foi suprimida e perseguida, e suas imensas riquezas confiscadas. Seus sacerdotes se exilaram ou se ocultaram. Os sacerdotes de cabelo raspado da escola de Amon foram substituídos pelos de cabelo comprido de Aton.

A arte, nesse tempo, tem uma grande evolução: as figuras simbólicas e solenes são suplantadas pelas figuras reais e vivas; porém o Faraó começa a ser representado em tamanho maior em relação às outras figuras. A Mãe Tii de Iknaton, ao que parece, simpatizava com as tendências do filho, mas não abertamente.

No 5º ano de reinado de Iknaton nasce a primeira filha: Merit-Aton. Nesse tempo subsistiam ao lado de Aton outros deuses. Porém esse estado de coisas não duraria, pois o Faraó entrou em conflito aberto com os sacerdotes de Amon-Ra. Isto ocorreu pouco depois da morte de Tii, donde se deduz que a ação desta última era moderadora.

Para melhor adorar seu Deus, Iknaton resolve abandonar Tebas e construir a Cidade do Horizonte de Aton (Luxor). Ao ser Tebas relegada à condição de província, debilita-se o sacerdócio.

É quando muda seu nome de Amenófis –a Paz de Amon– para Iknaton.

A nova cidade foi construída sobre uma ilha no Nilo, a uns 250 km ao sul da atual cidade do Cairo.

Pouco depois nasce Meket-Aton –Protegida de Aton–.

Durante o 8º ano o Faraó se instala na nova cidade. Nasce An-khes-en-pe-Aton –Ela vive para Aton–.

No 11º ano nasce Nefer-neferu-Aton. Começa a desenvolver-se a nova religião. Nessa época foi escrito o “Hino a Aton”.

Nota-se a influência de Nefertiti.

Ai-Ra é nomeado Grande Sacerdote de Aton.

Durante os 13º e 15º anos nascem duas novas filhas.

A mãe de Iknaton, Tii, visita o Templo na Cidade do Horizonte de Aton. Morre pouco depois. Foi enterrada em Tebas.

Com sua morte desaparece a moderação: o nome de Amon é sistematicamente apagado, até mesmo dos menores objetos. De milhões de inscrições conhecidas, poucas se salvaram.

Até mesmo na tumba de Amenófis III, substituíram seu nome pelo de Nib-Maat-Ra. Nota-se também um detalhe estranho: à sua quinta filha ele chamou de Nefer-nefern-Ra e à sexta de Setep-en-Ra; “Ra” em vez de “Aton”, como chamou às suas quatro primeiras filhas. Desejava um filho varão. Mas depois das seis “desilusões” teve ainda uma sétima. Não teve outra descendência que tenha ao menos sobrevivido à primeira infância. A primeira filha casou-se com Smenk-ha-ra, um nobre egípcio.

O rei da Babilônia pediu uma para um de seus filhos; concedeu a quarta. A terceira casou-se com Tut-ank-aton, que foi o Faraó Tutankhamon.

A segunda era delicada de saúde e morreu jovem, assim como a irmã de Iknaton, Beket-Aton.

Como tinha a saúde delicada, construiu logo sua tumba.

Não tendo sucessor, as perspectivas de sua religião eram sombrias.

Sua situação foi agravada por assuntos exteriores, tais como querelas com a Babilônia e com os hititas, as aventuras de Aziru etc. Iknaton desenvolveu uma estranha passividade; deixou sem ajuda o rei de Biblos, Ribaddi, que lhe era fiel.

Aos 30 anos de reinado, os Faraós celebravam o jubileu. Iknaton o fez aos 30 anos de idade, como se quisesse retroceder seu reinado à data de seu nascimento.

Nessa idade já era fraco e descarnado. Decide que todos os deuses, não somente Amon tenham seu nome apagado de qualquer inscrição. Só permaneceria o de Aton. Essa medida não foi aplicada estritamente. Apagaram-se os nomes de Hathor, Ftha etc. e até mesmo o plural “Deuses”.

Enquanto se limitou a apagar o nome de Amon, teve apenas “um” clero contra si; depois, porém, teve todos contra ele.

Parecia que Horenheb, chefe do exército, discordando da política pacifista de Iknaton, tenha planejado em segredo as campanhas que mais tarde realizaria. Talvez também em conivência com o Grande Sacerdote de Aton, Meri-Ra.

Sem descendência, com grande oposição, até de seus funcionários, outorgou sua confiança a Smenkara, casado com grande pompa com sua filha mais velha, quando esta tinha 12 anos.

Associou seu genro à regência, e quando eventualmente o sucedeu, adotou o epíteto de “Bem-amado de Iknaton”.

Ter um associado no trono foi uma medida insuficiente. A Síria estava quase perdida, e os grandes gastos com a construção do Horizonte de Aton esgotaram o imenso tesouro egípcio.

Compreendeu, sem dúvida, que a religião de Aton não sobreviveria a ele, como de fato aconteceu.

A única coisa que se sabe é que quando seu império desmoronava, ele morreu. O exame de sua múmia sugere um ataque. Acredita-se que era epilético. Teria então uns 30 anos. Presume-se que isso tenha ocorrido no 18º ano de seu reinado, porém foi encontrada uma inscrição que faz menção ao 19º.

De Nefertiti nada mais se sabe. Acredita-se que somente sobreviveu um ano a seu marido.

Seu genro e sucessor, Tutankhaton, foi persuadido a voltar a Tebas e a cidade do Horizonte e foi definitivamente. Houve uma época de contemporização entre os cultos de Aton e Amon, porém, por influência de Horenheb, chefe do exército, prevaleceu o de Amon.

Passados 40 anos da morte de Iknaton, o clero de Amon recobrou inteiramente sua influência. O nome de Iknaton foi apagado; referiam-se a ele como “esse criminoso”. As inscrições “Amenófis IV” não foram tocadas.

O templo de Aton em Karnac foi demolido.

Iknaton foi sepultado na tumba de Tii. Esta foi aberta e dela retirado o corpo de Iknaton. Todas as faixas foram recortadas e delas retirado seu nome. Apagaram as inscrições. Depois foi repostado na tumba.

Esta luta de Amon e Aton foi chamada a luta dos dois Sóis.

A semente deixada pelos partidários de Aton, curiosamente, cristalizou-se em Osíris, encarnado e morto entre os homens pela salvação do mundo.

O TEMPLO DA INICIAÇÃO

4ª. Ensino

Estudavam-se os livros da Mãe Eterna nesse Templo e foi nele onde, com as Escolas Esotéricas de Amon, chegaram ao máximo esplendor o poder e a sabedoria dos Sacerdotes de Amon, com os quais o politeísmo alcançou seu maior fulgor.

O Templo de Amon que aqui se recordará –cujos sacerdotes faziam sentir sua influência em todo o mundo, apesar de que, fisicamente, não o abandonavam jamais–, poderia localizar-se a uns cem quilômetros de Tebas, próximo ao Nilo. Era de grande extensão, quadrado, de mármore branco.

Seus moradores, homens e mulheres, viviam em recintos completamente separados por altos e largos muros. E –tanto homens como mulheres– estavam completamente afastados do mundo. Realmente mortos para o mundo exterior. Durante muitos anos viviam em recintos que não tinham janelas para o exterior.

Para ingressar no Templo era mister, mais que a vocação do candidato, ser eleito. Alguns eram atraídos até psiquicamente. Ingressava-se aos doze anos.

Tão solene era esse passo (pois se morria verdadeiramente para a vida ordinária), que os parentes do candidato o acompanhavam como em procissão fúnebre e o levavam a um recinto externo do Templo, onde não havia mais que um ataúde vazio no qual era depositado.

Com frequência, esses candidatos eram de sangue real. Isto era importante, visto que os faraós, em época de esplendor, eram iniciados pelos sacerdotes e estes eram também “reais” por seu saber, seu poder e seu sangue.

Havia sete recintos.

O ataúde, com o candidato depositado nele, era transportado ao primeiro recinto.

O postulante, para coroar sua carreira, devia passar por sete graus, variando a duração de cada um, e somente uma minoria atingia o cume.

As ensinanças versavam tanto sobre o aspecto físico como o intelectual; e nunca sobre um deles apenas.

Cada grau se cumpria, sucessivamente, em um dos recintos murados já mencionados.

O primeiro grau –que se poderia chamar de “renovação física e esquecimento”– estava a cargo de sacerdotes muito experimentados.

Nele o neófito era despojado de tudo que trazia do mundo. Naturalmente suas roupas e todo objeto pessoal. Era submetido a provas de visão e de escrita, suas unhas eram arrancadas para livrá-lo de instintos animais.

Da mesma forma que os noviços das ordens cristãs, não estudavam. Ao contrário: procurava-se fazer com que esquecessem tudo que sabiam e isso era conseguido por meio

de beberagens especiais que não só provocavam a eliminação das impurezas do corpo como também os faziam esquecer tudo o que haviam aprendido.

Essas beberagens provocavam febre alta e grande perda de peso. Dependia, portanto, da constituição de cada um a duração desse grau, que variava entre uma semana ou vários anos.

Quando o candidato estava purificado e tinha esquecido tudo o que sabia: ler, escrever etc., e até mesmo seu nome, sua família e todos os fatos acontecidos em sua vida até esse momento, se o fazia dormir novamente e era levado ao segundo recinto.

O segundo grau poderia ser descrito como de “desenvolvimento da inteligência”.

Tenha-se presente que ali entrava o adolescente eleito, purificado e sem noção alguma de sua vida anterior.

Tratava-se do mais formoso lugar que se possa imaginar. Tudo quanto podia proporcionar a ciência e o poderio de um rico império se reunia ali: palácios construídos com os incomparáveis mármore brancos, azuis e verdes do antigo Egito; eram tão maravilhosos que serviam para os sacerdotes estudarem os reflexos da luz solar. Nesses palácios se resumiam as mais belas pinturas, esculturas e obras de arte. Os jardins eram indescritíveis e tão cuidadas as suas plantas que havia casos em que uma só planta contava com seu cuidador exclusivo. Para os cultivos se aproveitavam as enchentes do Nilo na primavera.

Nesse grau estudava-se a ciência e as artes. Religião, não. Desenvolvia-se a inteligência; a flexibilidade mental.

Previne-se contra a possível confusão entre inteligência e espiritualidade: um ser espiritual pode carecer de flexibilidade mental e, inversamente, um intelectual carecer de espiritualidade.

Nesse grau se ensinava a discernir. Depois de algum tempo, naturalmente variável, possuíam os estudantes um juízo muito seguro tanto na ordem científica como na estética.

Quando chegava o momento de passar ao terceiro grau, –que se poderia qualificar de “recordação e eleição”–, o estudante era hipnotizado e passava ao recinto seguinte.

Nem todos, logicamente, conseguiam dar esse passo, que para muitos era excessivamente difícil.

Devido a que, ao ingressar no Templo, o neófito não saía jamais, esses seres ficavam no que se poderia chamar de “sacerdotes-serventes”, entre os quais se achavam os embalsamadores. Os que não transcendiam o primeiro grau se ocupavam da provedoria e demais aspectos da administração material do Templo.

No terceiro grau já liam os Livros da Divina Mãe. Estudavam o que se poderia denominar “psicologia”. Voltavam a recordar sua vida anterior.

Mas nesse recinto setenta por cento dos estudantes fracassavam.

O estudo das Ensinanças levava muitos ao conhecimento de que se o único real é o Uno, de nada servia o “demais”; para que comer, ou dormir, ou qualquer coisa que não seja Aquele?

A maioria deixava-se morrer.

A partir do quarto grau eram muito poucos os que fracassavam. Dedicavam-se ao estudo da magia. Para que pudessem oferecer a outros a oportunidade de progredir, adquiriam poderes psíquicos: clarividência, viagens astrais etc.

Somente no quinto grau dedicavam-se à Contemplação.

No sexto grau estudava-se a Teologia. Reconheciam que qualquer união conseguida é momentânea, tão ligada está a personalidade àquilo que a rodeia.

Quando os sacerdotes impunham um castigo, por mais severo que fosse, procediam sem temor algum, pois sustentavam que se o castigado era culpado necessariamente expiaria por carma sua culpa, de modo que o castigo era apenas uma antecipação.

O Templo se encontra agora escondido, sepultado sob as areias. Os Islamitas encarregaram-se de fazê-lo inacessível.

Um dos poderes que os sacerdotes de Amon possuíam era o de morrer por êxtase.

Haviam adquirido tais conhecimentos do além, que nada temiam; isto suscitou abusos que tornaram necessária uma severa regulamentação.

Assim, eram exigidos que se ajurassem sete sacerdotes, concordando entre si que todos eles provocariam a morte em circunstâncias extremas; se apenas um se decidia, os seis restantes deviam morrer também. Este pacto podia ser feito para toda vida ou por um tempo determinado.

Chegado o momento extremo, os sete juramentados se retiravam a um lugar afastado. Geralmente, jejuavam durante 40 dias, havendo casos em que o faziam durante 27 ou 18 dias. A finalidade de tal prática era debilitar o corpo físico para dispor dele com maior facilidade. Enquanto isso, viviam concentrados na Entidade mais alta concebível.

Feito este jejum se concentravam sobre seus centros, começando pelos inferiores.

Faziam-no sobre cada parte de um centro, considerando sua inutilidade. Estas partes, esvaziadas de sua razão de ser, cessavam de atuar.

Procediam assim, sucessivamente, com todos os centros. Quando chegavam ao superior resultava que, apesar de tudo, estavam fortemente atados à vida. Procediam então ao exame retrospectivo, após o qual já poderiam dar o grande passo.

AMON NAS ESCOLAS HELÊNICAS.

5ª Ensinança

A escola esotérica, que (para dar-lhe um nome) poderia ser chamada de politeísta, teve sua máxima expressão no Egito. Finalmente decaiu e seus templos foram completamente sepultados sob as areias.

Os maometanos se encarregaram de impedir a busca de tais templos e só há pouco menos de um século e meio, começou-se a desenterrar templos e sepulcros e a decifrar inscrições, as quais são todas exotéricas. As esotéricas foram destruídas, principalmente quando da desaparecimento da Biblioteca de Alexandria.

Porém não desapareceu completamente da face da terra seu imenso conhecimento senão que, sob diversas formas e em distintos lugares, –quase sempre em oposição a outra forma de monoteísmo–, tem florescido até agora.

O que de tudo isso se conserva foi legado à humanidade primeiramente pelas Escolas Helênicas.

Quando a forçada expatriação dos sacerdotes de Amon os obrigou a se refugiarem na Grécia, habitavam esse país seres muito primitivos, que se dedicavam sobretudo a suprir suas necessidades primordiais.

Pouco tempo estiveram ali os sacerdotes de Amon, porém foi o suficiente para deixar uma semente.

Com o regresso dos sacerdotes de Amon ao Egito, foram expulsos os de Aton (monoteístas), que também se refugiaram na Grécia.

Pode-se, portanto, estudar a influência de ambos na Grécia através dos séculos.

Essas duas grandiosas concepções tiveram derivações filosóficas muito importantes: da politeísta, derivaria a doutrina da graça; da de Aton, a do livre arbítrio.

Se supomos que tudo é ilusão, que não é outra coisa senão um reflexo, emanção da Divindade Imanifestada, claro que qualquer coisa –um homem, sua mente, sua alma– não é mais que um reflexo, dependente em absoluto do que não se manifesta. Nada se poderá fazer por uma alma, para mudar seu destino, quer seja um santo ou delinquente, sábio ou néscio. Levada ao extremo, esta concepção conduz ao fatalismo: o ser não é livre senão como Deus, em sua totalidade.

Aqueles que creem no livre arbítrio poderão, não obstante, sustentar: se o homem é divino, se tem alguma partícula de divindade, forçosamente poderá, até certo ponto, determinar-se.

As características das Escolas Iniciáticas gregas eram muito diferentes das egípcias. Tratar-se-á a seguir das que seguiram a corrente de Amon, com exclusão da tendência monoteísta.

Em primeiro lugar, nota-se uma dispersão, tanto nos fins como nas formas, em relação às egípcias.

O sacerdote egípcio estudava toda a ciência, todos os aspectos da sabedoria. Os gregos, no entanto, consideravam que toda uma vida não era suficiente para abarcá-las inteiramente.

O Templo egípcio era uno, imenso; o grego, embora fosse completo como centro de cultura religiosa, filosófica e pedagógica, dedicava-se a um só ramo.

Isto se devia, em primeiro lugar, à constituição física dos indivíduos: os egípcios eram surpreendentemente robustos, resistentes e flexíveis, condições notavelmente acrescidas pelas drogas e pela cirurgia. Eram também moderados no apetite sexual, sobretudo os sacerdotes. Os gregos, em troca, conquanto formosos, eram menos resistentes; poucos puderam suportar o plano egípcio.

O Egito era um reino muito unido sob a autoridade de seu faraó; a Grécia compunha-se de uma infinidade de pequenos reinos e cidades. Tudo nela se dividia.

O primeiro problema que se apresentou aos gregos foi o do sexo. Consequentemente foi estudada em muitos templos, de maneira primordial, no que se refere aos celibatários, a transmutação. Estas ensinanças fracassaram porque o grego, luxurioso, refletiu: "Se elevarmos os atos materiais naturais oferecendo-os à Divindade, torná-los-emos também divinos".

Isto estava bem, até certo ponto. Porém não se tardou em cometer abusos, e nada menos que com o pretexto de divinizar atos antinaturais.

Muitos desses seres desenvolveram sua inteligência de forma notável e voltaram, repetidas vezes, ao mundo físico. Porém homens inteligentes e capazes fracassaram por se prenderem a algum vício (jogo, bebida, mulheres); e não conseguirão triunfar até que possam vencer estas facetas.

Em uma segunda etapa era estudada a magia e os poderes psíquicos.

Cabe salientar que o grego, no que se refere ao amor à forma, tinha necessidades muito diferentes das dos egípcios. Para ele o ato sexual tinha um significado duplo; muito poucos passavam do primeiro grau.

Quanto ao segundo grau, não existem maiores notícias.

Aqueles que chegaram ao terceiro grau, filosófico, silenciaram.

Não obstante, muitas obras dos filósofos gregos chegaram até a atualidade. As de Platão e seus continuadores refletem a tendência de Amon e da Graça; as de Aristóteles e dos que o seguiram, a de Aton e do livre arbítrio.

A influência de Platão decaiu durante vários séculos, mas reviveu com Jâmblico e Plotino. Esta doutrina, da graça, influiu muito sobre a Igreja Cristã, especialmente através de Santo Agostinho. Esta Igreja haveria de ser, naturalmente, monoteísta. Não obstante, no século XIII, com São Tomás de Aquino, nela se afirmou notavelmente a doutrina aristotélica.

Morta Cleópatra ficaram, todavia, alguns tesouros religiosos da glória do Templo de Amon. Porém não caíram nas mãos dos conquistadores romanos, senão que foram levados, com o maior sigilo, a um lugar quase inacessível no meio do deserto africano, rodeado de altas montanhas. Foram conduzidos por discípulos fiéis, cujos descendentes os guardam até hoje.

Estes sempre defenderam com êxito seu tesouro; nem sequer os maometanos puderam descobri-lo.

No Oriente não se apagou a recordação de Amon. Julia Domna, filha de um sacerdote do Fogo de Emesa, Síria, casou-se com o imperador romano Septímio Severo e em sua corte rodeou-se de um grupo seleto de seres, cujas obras ainda hoje são recordadas.

Somente na Renascença voltou-se a estudar Platão, distinguindo-se nisto os sábios florentinos do Século XV.

As Escolas Esotéricas do Conhecimento e do Amor continuamente lutam entre si e continuamente se fundem uma com a outra e se buscam porque, através das lutas, estas duas forças terão que reunir-se, terminado o tempo de peixes, para formar uma única expressão da divindade.

O REI ARTUR, O SANTO GRAAL E A TÁVOLA REDONDA E SEUS CAVALEIROS

6a. Ensino

Em pleno florescimento cristão as Escolas Esotéricas foram patrimônio, primeiro dos Cavaleiros Iniciados, e em seguida das Ordens Militares.

O esoterismo helênico e romano, que através do neoplatonismo regou fecundamente os princípios do cristianismo, perdeu-se completamente.

Com o veto dado por Justiniano às escolas filosóficas no ano 500, os mestres esotéricos se trasladaram para a Pérsia, a fim de ali preparar a semente que haveria de transformar-se na religião islâmica, em pléticas escolas esotéricas.

Porém, nos tempos das primeiras cruzadas, os cavaleiros cristãos voltaram a pôr-se em contato com as Escolas Esotéricas Muçulmanas.

Essas ensinanças foram assimiladas sobretudo pelos Cavaleiros Normandos, homens de grande fervor religioso (uniam a um fervente cristianismo as ensinanças de seus antepassados druidas, gauleses e celtas ibéricos). Já no ano 800 eles fizeram florescer uma cavalaria cristã esotérica.

As lendas do Cavaleiro andante, do Santo Graal, dos Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Artur, datam daquela época.

Não eram estes agrupamentos esotéricos totalmente cristão-jurídicos, e sim essencialmente cristãos, vivendo sua própria vida; depois se formaram Ordens Militares e Escolas Esotéricas.

Os Cavaleiros Iniciados, ao ingressar na fraternidade, faziam um juramento solene de ser fiéis à mesma até a morte, de lutar contra todas as injustiças e defender sempre o pobre, o desvalido e o desamparado.

A primeira cerimônia que realizavam ante os olhos do neófito era a do juramento.

A promessa é um Dom Divino e unicamente os Deuses podem prometer aos homens; porém para o ser humano é difícil prometer, visto que sua natureza humana quebra a cada instante as vontades mais fortes; por isso foi dito: “Não jurarás”. Mas quando o homem se dispõe a um juramento, como o juramento é divino, implicitamente adquire a obrigação de transformar sua natureza humana em divina.

Como a Sabedoria Divina não pode ser manjar dos homens vulgares, era indispensável o segredo para que o Véu Divino não fosse levantado por mãos inexperientes.

Diz a Bíblia: “Se vires o rosto de Deus, morrerás”, porque o estudo da Sabedoria Eterna implica possuir um desenvolvimento espiritual adequado que o ser tem que adquirir pouco a pouco, levado pela mão dos Iniciados. Além disso, na cerimônia do juramento, o neófito via o rosto de seus companheiros pela primeira vez e a Visão do Rosto é símbolo dessa sabedoria oculta, revelada somente a uns poucos.

Ao jurar, o novo adepto entrava na Grande Corrente Espiritual, Mental e Psíquica que a Ordem Esotérica havia gerado e seria prejudicial se ele fosse expulso violentamente dessa Grande Corrente na qual se havia colocado voluntariamente.

O ser, para chegar a este primeiro degrau do Cerimonial, havia forçado a porta do Santuário, pois sem esforço nada se pode conseguir.

O assistente trazia um recipiente corniforme com vinho; o recipiente deveria ser de corno de cervo e era símbolo da natureza inferior, enquanto o vinho simbolizava a força criadora em seu aspecto inferior.

Noé, depois de ter provado o sumo da uva, cai num sono profundo, e seus filhos zombam dele. O homem tem que penetrar nas profundezas da natureza inferior e do subconsciente para conhecer as forças que movem e dirigem todas as coisas.

O Iniciado fazia estender o braço do neófito sobre o recipiente corniforme, esticando ao mesmo tempo o seu; as duas direitas se uniam enquanto com a espada se fazia uma incisão nos dois braços, deixando gotejar os sangues para misturá-los com o vinho.

O valor do sangue é inestimável. Todas as substâncias físicas se derramam nele e nele está toda a força e toda a toxina da vida; é a única substância que tem contato direto com o éter astral; tanto é assim que, logo que a força vital não o anima, ele se coagula e, por assim dizer, materializa-se. É o símbolo, portanto, da natureza superior que, sacrificando-se, mescla-se com a natureza inferior para redimi-la e elevá-la até sua liberação. Isto é o que simboliza a redenção efetuada por Cristo que verte seu sangue sobre a Cruz e que se repete todos os dias no Cálice da Missa.

Porém é a vontade, impulsionada pelo amor, a que pode realizar esta redenção. A forte vontade do aço frio da espada que fez a incisão.

Depois o Iniciado e o neófito, alternadamente, iam bebendo sorvos do precioso licor. Para que a humanidade retorne à sua prístina glória espiritual, é indispensável esta fusão das partes superiores com as inferiores. Está explicado assim, mais uma vez, o mistério da Sagrada Eucaristia, da estreita união e inseparabilidade do Espírito com a Matéria.

O neófito, ao ligar-se à Ordem por seu juramento, ligava a Ordem a ele, simultaneamente. O amor e a união equiparavam os valores e os pares de opostos, e o esforço de um era compensado pela dádiva do outro.

Terminado o juramento, o chaveiro se adiantava e quebrava o recipiente.

Quando o Cavaleiro Iniciado impunha a túnica aos membros da Ordem, tocava com a espada o ombro direito, nos homens, e o esquerdo, nas mulheres, símbolo da transmutação pela purificação, e lhes entregava uma rosa. A flor aberta representa os vórtices das forças astrais em estado ativo e desenvolvido.

As túnicas dos membros eram brancas, alaranjadas e pretas. O branco pertencia aos Pajens e às Donzelas, visto que deviam manter mais acentuada a pureza e a inocência da alma por ter que pisar o lodo do mundo. Os Escudeiros e as Daminhas tinham a túnica alaranjada, simbolizando o orgulho e a glória da Ordem. Os Cavaleiros e as Damas vestiam túnicas pretas, significando que haviam morrido para o mundo e viviam unicamente no Eterno.

As túnicas masculinas chegavam até os joelhos e eram postas sobre as armaduras, pois o espiritual não deve interromper a ação. As túnicas das mulheres chegavam até os pés, para indicar o pudor e a discricção.

O manto de todos era branco e sua forma completamente circular, pois o círculo assinalava Deus manifesto.

A cogula era também circular e indicava o Poder Espiritual. Os papas, nos primeiros tempos da Igreja Cristã, quando esta era puramente espiritual, usavam cogula branca, mas quando adquiriram poderio material, trocaram-na por uma coroa de ouro. Na antiguidade a coroa pertencia aos reis como poder visível e material, e a cogula aos Sumos Sacerdotes, como poder invisível e espiritual. Na parte esquerda do manto, à altura do coração, havia uma cruz vermelha, ficando assim entendido que um adepto dominava os elementos inferiores.

Durante a cerimônia, após o neófito haver pronunciado o juramento, os assistentes levantavam a cogula que lhes cobria o rosto e se faziam visíveis ao novo componente.

Os Pajens e as Donzelas usavam, além da cogula, um pequeno gorro circular da cor de sua túnica, que indicava submissão.

Os Escudeiros e as Daminhas portavam um elmo e, no centro deste, uma mariposa de ouro libertando-se do casulo de lagarta, significando a aspiração da alma ao conhecimento de todas as coisas.

Os Cavaleiros e as Damas usavam também um elmo e, no centro deste, a cabeça de ouro de uma serpente com a língua bífida para fora, pois a serpente erguida é símbolo da Suprema Sabedoria – tendo sobre a cabeça uma cruz.

As vestiduras assinalavam os poderes intrínsecos e pessoais do adepto, enquanto que os atributos manifestavam os poderes ativos do mesmo. Eram quatro os atributos fundamentais: anel, espada, colar e selo, correspondendo aos quatro poderes básicos do ser humano, depositados no corpo físico, no plexo solar, no esplênico, no laríngeo e na glândula pineal, respectivamente.

Ademais, possuíam cavalos marrons e brancos, que serviam de veículos. O cavalo é o animal que, na evolução dos seres inferiores, chegou ao mais alto grau de desenvolvimento e é o laço de união entre o reino animal e o hominal. Representava a natureza instintiva, dominada e subjugada pela vontade do homem. A natureza inferior não deve ser destruída, e sim dirigida e orientada.

Na Ordem o cavalo marrom significava o instinto dominado, porém sensível às atrações inferiores que o arrastam continuamente ao mundo. O Escudeiro havia dominado suas paixões, porém retornava continuamente entre os homens para auxiliá-los. O cavalo branco era o instinto dominado por completo. O Cavaleiro o utilizava unicamente para seu uso pessoal ou para obras que, aos olhos da humanidade, pareciam semidivinas.

Vem ao caso citar a aparição de Santiago Apóstolo no campo de batalha, para defender e conduzir à vitória os exércitos de Ramiro contra os mouros. O guerreiro que apareceu no combate levava todos os atributos dos Cavaleiros das Ordens Secretas e Iniciáticas de então: montava um cavalo branco, levava armadura resplandecente, espada flamígera, manto branco e um estandarte sobre o qual estava desenhada uma cruz vermelha.

O Grande Ser que os espanhóis tomaram por um santo, não era senão um Cavaleiro Iniciado que lhes apareceu montando seu cavalo e bem apetrechado para conduzi-los, como se fosse um semideus, à vitória.

O anel, a espada, o colar e o selo correspondiam às quatro figuras principais do Tarô. O selo corresponde a paus; o colar a copas, a espada a espadas e o anel a ouros.

O anel correspondia ao plexo solar e indicava o poder de dominar; o domínio (sobre si mesmo, sobre os elementos, sobre as forças naturais, sobre os demais homens que não haviam chegado ao mesmo nível de adiantamento espiritual) é indicado pelo brilhante e pelo ouro, imagens da força solar e de seus raios dominantes sobre todo o planeta.

A espada correspondia ao plexo esplênico e indicava o poder da força e o vencimento do medo; o corte definitivo que liberta o ser era o conhecimento da própria força que, como o aço frio e cortante, atua sobre tudo que o rodeia.

No Salmo 44, o Salmista, ao cantar as belezas do Rei, não se esquece de aconselhar-lhe que ate sua espada à coxa esquerda, como se lhe explicasse que o poder da força reside no plexo esplênico.

O colar redondo, que levava estampado o nome de cada membro da Ordem, expressava o poder da vibração, da palavra, do ritmo; corresponde ao plexo laríngeo, o qual, bem desenvolvido, permitia ao estudante perceber as vozes e os sons astrais.

O selo, todo de ouro, com o sinal de Ank impresso nele, era imagem do poder criador, similar ao fogo; ponto raiz da mente, confim do Espírito com a substância manifesta.

Esses atributos não eram peculiares a todos os membros da Ordem: o selo pertencia unicamente ao Grande Mestre; o poder criador, o poder da transmutação, somente o Iniciado o possuía. O ser chegava à Iniciação sozinho, sem auxílio exterior, sem nenhum acompanhante, como imagem de Deus refletindo-se em Si mesmo.

O anel era próprio de Cavaleiros e Damas; o forte magnetismo de que estava carregado indicava que esses homens e mulheres haviam solucionado o problema interno da diversidade. Eles sabiam que uma única força regia os destinos humanos e universais, e dirigiam voluntariamente essa força para a realização de sua aspiração.

A espada também era levada pelos Escudeiros e as Daminhas; do mundo psíquico ao mundo anímico somente se passava através de força. Só o valente podia cruzar o círculo do temor e apossar-se da força que dorme latente no plexo sacro de cada indivíduo.

O colar era levado por todos os membros da Ordem; simbolizava os poderes psíquicos que estavam ao alcance de todos que se encontravam bem adestrados e exercitados.

O colar se relacionava com as copas, imagem da matriz feminina e do aspecto material das coisas. O selo com os paus, imagem do linga masculino e do aspecto criador e espiritual das coisas. A espada era imagem da união entre o Espírito e a Matéria, do resultado do bastão e da copa. O anel, ouros, simbolizava o domínio sobre a mente e sobre as coisas manifestas.

ANTIGOS CERIMONIAIS INICIÁTICOS DOS CAVALEIROS

7a. Ensino

Os antigos Iniciados viam no ano, além do movimento do sol através das doze casas zodiacais, o caminho da alma, desde o nascimento até a morte, em busca da perfeição. Por isso davam tanta importância às festividades anuais, as que simbolizavam os distintos passos e aspectos da vida material e espiritual.

Júlio César, arbitrariamente, suprimiu do ano algumas de suas horas, resumindo-as todas em um dia a cada quatro anos, no ano bissexto. Porém os estudantes esotéricos sempre protestaram contra esta medida, que subtrai valor do ano verdadeiro, o Ano Místico.

Um ano verdadeiro equivale a um ano daiva dos hindus: 365 dias, 5 horas, 30 minutos, 31 segundos; e Dom Alfonso, o Sábio, rei de Castela, atribuiu ao ano 365 dias, 5 horas, 49 minutos e 16 segundos.

Tampouco o início que se atribui ao ano atual é o que lhe atribuíam os antigos: o ano verdadeiro começa no equinócio de primavera.

O Ano Místico se divide em quatro partes, assim como se divide em quatro etapas a vida espiritual dos Cavaleiros Iniciados.

A primeira, que começa no equinócio de primavera, é inaugurada pela festividade da reabertura do Livro da Mãe. Retorno às coisas que se deixou, para sublimá-las.

A natureza abre o livro de sua manifestação e mostra assim a sua sabedoria; faz brotar do seio da terra todas as suas flores, precursoras do fruto.

No ritual místico é a imagem das mudança contínua de todas as coisas, do descenso do espírito à matéria, do sacrifício daquele que tem mais por aquele que tem menos, repartindo seus bens.

A simbologia diz que o discípulo voltará para matar sua inimiga quando seja forte, algum dia. Por isso, esta primeira parte do Ano Místico é símbolo também da reencarnação e da lei de consequências que faz, por efeitos, voltar à raiz da causa.

Os seres que chegaram a um altíssimo grau de evolução espiritual se sentem impulsionados periodicamente a voltar entre os homens para com eles equiparar seus valores, dando-lhes amor; fazer-se menores para torná-los maiores.

Os Cavaleiros, todos reunidos, recebiam a mensagem que os Mestres haviam transmitido ao Grande Mestre.

Muito será pedido a quem muito foi dado.

De pé, com suas espadas desembainhadas, envoltas em seus brancos mantos, recebiam a ordem. Aquele que fosse designado para cumprir alguma Grande Obra no mundo abraçava seus companheiros, dando-lhes o beijo de paz; recebia a bênção do Grande Mestre e se afastava sobre seu cavalo branco para cumprir sigilosamente sua missão, enquanto os demais acendiam uma grande fogueira sobre o monte, para que o fogo guiasse o Cavaleiro

redentor durante seu caminho pelas trevas do mundo; os demais Cavaleiros retornavam a seus estudos, a seus exercícios e concentrações, esperando sua hora.

A espada envolta no manto representa a Mãe Divina, Suprema Vontade, envolta no Véu de Ahehía, a sabedoria manifesta que o Cavaleiro deve esforçar-se para descobrir. Para alcançar a suprema realização é indispensável o sacrifício, o descenso aos mundos inferiores e passar por eles sem se manchar.

A marcha representa a roda das vidas e das mortes; a fogueira sobre o monte, a parte superior do homem, o alto ideal, a vocação espiritual, que sempre o acompanha. Os cristãos imitaram esta bela Cerimônia Iniciática com as fogueiras de São João, com a festa da Anunciação do Arcanjo Gabriel a Maria.

Os antigos Cavaleiros medievais, depois de sua investidura cavaleiresca, iam errantes pelo mundo em busca de aventuras, sempre desejosos de encontrar a mulher de seus sonhos, ou a taça do Santo Graal.

Wagner oferece imagens maravilhosas: Lohengrin é o Cavaleiro Iniciado que abandona o castelo dos Cavaleiros de Monsalvat para ir defender a donzela falsamente acusada.

Ainda hoje as Távolas abrem os seus cursos nessa data; o tempo da festividade, da alegria, passou; e voltou o tempo da disciplina, do trabalho e do sacrifício. O livro das ensinaças, que estava fechado, abre-se de novo; cada um sacrifica a melhor parte de sua essência interna em benefício dos outros. Nessa data também se costuma iniciar as novas Távolas, sempre com o sacrifício da Távola patrocinadora.

A segunda parte do ano começa com o solstício estival de verão. Os frutos estão maduros e o trigo pode converter-se em pão. Os Cavaleiros podem preparar seu banquete para consumir as Místicas Bodas de União entre a matéria e o espírito. Esta cerimônia é imagem da aliança do espírito com a alma, de dois princípios concordantes que por fim conseguem encontrar-se e unificar-se.

Nesta parte do hemisfério se efetua a cerimônia solenemente no plenilúnio de Maio. É repetida de forma mais simples durante o ano.

Na noite do plenilúnio todos os membros da Távola se reúnem como se fossem um só. O banquete é realizado à noite porque a noite é a mãe dos mistérios, das intimidades e das bodas. Faz-se no Plenilúnio porque o plenilúnio indica que o passado, embora morto, toca o presente para perpetuar-se no porvir. As almas que uma vez se uniram por um mesmo ideal, mesmo mortas, tornarão a encontrar-se e a ser reunidas.

O banquete se realiza em um recinto quadrado, onde a mesa estendida tem a forma de ferradura. No centro senta-se o Grande Mestre e à sua direita os demais Cavaleiros, por ordem.

A mesa deve ser posta com as seguintes disposições: traça-se sobre ela, com um cordão branco, uma linha reta sobre a qual serão colocados os pratos. Outra linha, com um cordão alaranjado, sobre a qual colocar-se-ão os copos; outra, com um cordão preto, paralela, sobre a qual se colocam as garrafas, e outra, também paralela, com outro cordão branco, sobre a qual serão colocadas as travessas.

Os pratos da antiguidade eram de prata, talvez para explicar que há metais, como a prata e o ouro, que afastam o magnetismo animal; o prato de cada um tinha que ser pessoal.

Antigamente o copo era de madeira especial e era feito de uma fibra vegetal sutilíssima; daí derivaram todas as maravilhosas lendas relacionadas com o cálice do Senhor e o Santo Graal.

Como já foi explicado, o vinho é a imagem da natureza inferior; o Iniciado que bebe o sumo da uva e sabe transmutar, transforma os valores inferiores em superiores.

Findo o banquete, brindava-se solenemente, como se a parte alegre e festiva de cada alma quisesse unir-se em uma só expressão de beleza, para perdurar como entidade guiadora.

Após o brinde, o Grande Mestre quebrava a taça da qual havia bebido.

A mesa é sempre um sinal de pacto e aliança. O altar de todas as religiões é a mesa dos Deuses. Deus faz um pacto com Jacob e, como recordação desse pacto, erguem um altar ou mesa mística.

Cristo institui o sacramento da Eucaristia no banquete pascal; os cristãos primitivos costumavam realizar uma ágape fraternal.

A mesa é, na família, a que reúne ao seu redor todos os membros da casa na hora das refeições. É a hora da intimidade; é a hora em que o pai se reúne com todos os seus filhos; em que a mãe contempla com satisfação toda a família reunida. É a hora da perpetuação da aliança familiar.

No plenilúnio, quando se realiza o banquete, também o sol –imagem do sol espiritual– está em seu nadir; é quando ele também desceu de suas alturas e baixou aos infernos para buscar a sua amada extraviada, assim como Orfeu baixa aos infernos para buscar sua esposa Eurídice e fazer com ela uma nova aliança, um novo pacto, uma nova boda.

É desejável que os membros da Ordem acompanhem todas essas cerimônias com espírito de fervor e de compreensão, pois, do contrário, seriam vãs. Que cada um procure fazer uma aliança com seus companheiros, união de almas, união de sentimentos e de ideais, para que esta união seja a futura alma da vitória do Ideal Espiritual.

No equinócio de outono festejava-se a obra cumprida, visto que a terra deu seu fruto. É chamada a festa do Rei porque os Cavaleiros festejavam seu Chefe e o Cavaleiro Iniciado.

No solstício próprio do inverno, os Cavaleiros realizavam a festividade da Renúncia; os mais avantajados abandonavam a comunidade e subiam ao Monte, ao castelo dos Perfeitos. Talvez por ser nesta quarta parte do ano, na qual se desenvolve a última cerimônia visível no plano físico, ela é a mais rítmica e poética de todas.

Sempre, em todos os setores da vida, em todos os agrupamentos, há os que se destacam os que chegam a um estado de liberação interior. Essas almas adestradas, embora mantendo o corpo físico, compreendem que já nada têm que fazer entre os homens e um desejo irresistível de solidão e de afastamento os impulsiona a buscar uma vida recolhida e dedicada à contemplação.

É conhecida a crença que existe na Índia acerca desses seres extraordinários, que vivem em paragens solitárias, ocultos nas altas montanhas.

A Sociedade Teosófica baseou toda sua Obra sobre as mensagens desses Mestres dos Himalaias.

Nas antigas Ordens essa mística ida sem regresso era simbolizada por uma esplêndida cerimônia. Quando o Cavaleiro, por seu elevado estado de perfeição, sentia-se impulsionado a abandonar todas as coisas exteriores, o Grande Mestre reunia todos os Cavaleiros e juntos cantavam o Hino da Liberação. Imediatamente entravam na sala duas Damas com o rosto velado, símbolo dos novos mundos ocultos que o eleito ia conquistar, tendo nas mãos um tecido azul. Despojavam o Cavaleiro de seu manto branco e o forravam de azul; depois ele mesmo cortava com sua espada a ponta direita do manto, dividindo-a em sete partes, que deixava aos sete Cavaleiros restantes como recordação sua.

Isto é a imagem do Cavaleiro Eterno, do Cavaleiro Perdurável; se morre ou não, ninguém sabe. É o homem que chegou a dominar seus princípios inferiores e superiores, dispendo deles à vontade.

Porém onde vivem esses seres seletos? Em que parte do mundo?

Esses lugares secretos, onde as Ordens Iniciáticas tinham, ou têm, seu assento oficial, não são destinados ao acaso, senão que correspondem aos sete plexos de força do planeta. Existem na Terra sete lugares, não marítimos, nos quais o magnetismo natural é muito mais intenso que em outros lugares. Certamente, é sempre em regiões montanhosas; são inumeráveis as montanhas reputadas sagradas.

Um lugar magnético primário da Terra está no Tibete e, em especial, na região de Shamballa, onde os Lamas Amarelos têm seu principal assento; o lugar europeu mais magnético é na montanha de Monserrat, na Catalunha, onde –ainda hoje– os Irmãos Rosacruz têm suas reuniões astrais. Na América existem vários desses lugares magnéticos, um dos quais se encontra nas desoladas montanhas da província de São Luis e outro sobre o lago Hueche Lauquen. Lohengrin descreve um desses lugares chamando-o de Monsalvat e para fazê-lo mais inacessível, descreve-o rodeado de águas e o chama de “paragem desconhecida”.

Mas, existiam realmente na antiguidade esses castelos iniciáticos? Existiam realmente; e todos os castelos medievais foram copiados deles, desses castelos fundados por Cavaleiros Iniciados.

Podem-se encontrar tipos deles, ou ruínas, na Catalunha e ao Sul da Galícia, em Flandres, Normandia e Escócia; e maravilhosos exemplos dos mesmos existem no norte da Alemanha, porém de construção posterior.

Seguramente, as antigas Ordens deveriam ter seus lugares afastados e seus castelos onde os Cavaleiros Iniciados se encerravam.

Não se falará da Montanha de Kaor, porque ali unicamente as ruínas do Templo primitivo podem subsistir, mas pode-se, sim, descrever como teriam sido esses retiros. A uma altura superior a mil metros, em uma região desconhecida e pouco habitada, construía-se um edifício completamente rodeado de muralhas e água; nenhum membro da Ordem conhecia este lugar, a não ser os que o habitavam e os Grandes Mestres. Nenhuma mulher, nem ninguém estranho à Ordem podia pisar esse recinto. No fosso que rodeava o castelo eram alimentados cisnes brancos e negros, símbolo da Eternidade, manifestada e imanifestada.

Esses Cavaleiros solitários, esses puros guardiões da Sabedoria Eterna, viviam ali com uma pureza e uma serenidade tais que unicamente em horas de êxtase interior e de perfeita oração se pode ter um vislumbre do que isso significa.

Se esses lugares desapareceram, resta ainda aos Cavaleiros um lugar inacessível e solitário para ocultar-se e viver sua vida íntima: o inexpugnável castelo do Santuário Interior.

As quatro estações do ano simbolizam também as quatro grandes épocas que a raça ária cruzou desde o seu nascimento.

A primeira parte da raça data desde o nascimento da raça semita-atlante, há 850.000 anos, até o estabelecimento definitivo da raça ária, faz 118.769 anos (ano 1941).

A segunda etapa corresponde ao tempo transcorrido desde o estabelecimento da raça ária até a guerra dos 1.500 anos, faz 25.868 anos (ano 1941).

A terceira etapa data desde a guerra dos 1.500 anos até a submersão de Poseydonis, última relíquia atlante, ocorrida há 11.000 anos.

A quarta época data desde o afundamento dessa ilha até os dias atuais.

As quatro etapas do ano recordam, também, as quatro etapas que as Escolas Esotéricas atravessaram.

A primeira foi àquela esplêndida e áurea etapa dos Mestres Iniciados. Data desde o tempo do Templo de Kaor faz 25.868 anos, até o afundamento de Poseydonis, há 11.000 anos.

A segunda representa a etapa do poderio e do domínio reinante, época de prata, que durou desde o tempo do afundamento de Poseydonis até o reinado de Amenophis IV, faz 3.311 anos (ano 1941).

A terceira foi a da era sacerdotal esotérica. Nessa etapa as Escolas Esotéricas haviam, completado já seu caudal de conhecimentos. Durou desde Amenophis IV até a fundação esotérica da Ordem Teutônica por Hernan de Salza, no ano 1.197.

A quarta corresponde à era cristã e cavaleiresca, da ação e do sacrifício, e data da fundação da Ordem Teutônica até os dias atuais.

O ano também simboliza a vida do homem, que tem quatro períodos principais: infância, adolescência, virilidade e senectude.

O Ano Místico há de estimular ainda que se dê aos anos, aos meses, aos dias e às horas seu verdadeiro significado. O homem néscio os deixa correr e, sem perceber, encontra-se com a cabeça branca e as mãos vazias.

Mas o sábio mede o seu tempo. Sabe que cada hora transcorrida é uma probabilidade a menos que tem para o seu adiantamento espiritual. Assim como passa o ano, passam também em sua vida as possibilidades, as boas ocasiões, a energia e a clareza mental da juventude, assim como todos os dons que estão ao seu alcance para conseguir a perfeição.

Assim, os cerimoniais Iniciáticos dos Cavaleiros, dentro do Ano Místico, guardam um ritmo, uma medida e uma estabilidade excelsas dentro do tempo, esse material de que é feita a vida, como inscreviam os antigos nas luminosas esferas de seus relógios.

O CAVALEIRO DA ETERNIDADE

8a. Ensino

A Ordem física é uma imagem da Ordem astral.

Há almas que renunciam no mundo astral à paz e à dita dos planos superiores para seguir trabalhando para o bem da humanidade e, em particular, de seus irmãos da Ordem, aqueles que lutam por um mesmo fim, um mesmo ideal: a reforma de si mesmo e a santificação das almas.

Esses Cavaleiros invisíveis podem ser almas que há muito tempo não encarnam na Terra, e também podem ser Cavaleiros desencarnados que se incorporam a esse núcleo seletivo.

Existe uma formosa lenda que assegura que a missão do primeiro Cavaleiro que morre é permanecer no Umbral da Eternidade, esperando os companheiros para indicar-lhes o caminho.

Este Cavaleiro expectante mora continuamente entre o astral e o umbral do frio e da obscuridade, olhando com seus olhos videntes a hora em que se aproxima o viandante. Quando vê que a morte rodeia com seus espessos véus seu irmão agonizante, congrega todos os seus companheiros e faz com que se materializem etereamente no lugar onde está o moribundo, para que este cruze o umbral levado por sua mão e auxiliado pela santa companhia.

O consolo que a alma recebe ao ver um ser amigo distrai sua atenção e ela passa com maior facilidade de um plano a outro, sem experimentar demasiado a angústia dolorosa da troca dimensional.

Porém há mais ainda. Existem lugares no mundo onde os Cavaleiros das Távolas astrais se encontram em mística reunião com os Cavaleiros mortais que sabem trasladar-se em corpo astral. São pontos do planeta que, por seu extraordinário magnetismo ou pelo magnetismo acumulado durante séculos por Templos ali existentes, os fazem aptos para a solene realização.

Mais além do deserto de Gobi, sobre as mais altas montanhas de Pamir, existe um desses lugares. Alguns dizem que ali se levantou o antigo Monte de Kaor; e ali os Cavaleiros astrais, em místicas assembleias, embalsamam ainda esses ares com seus cânticos sagrados e concentrações sublimes.

No Tibete, em uma alta meseta, sobre um maciço quadrado e negro, também se efetuam essas assembleias astrais. Na Europa são realizadas sobre a montanha de Monserrat e nas altas montanhas da Escócia; e na África, no Cabo da Boa Esperança.

Na América há também vários desses pontos. O principal se acha no Canyon do Colorado, nos estados do Norte, e outro sobre uma alta montanha, vulcão já extinto, o Lanin, que nas terras do Sul se espelha nas águas tranquilas de Hueche-Lauquen.

Antigamente houve um grande centro magnético nas montanhas de São Luís, e ainda se conta que ali existia um Templo sagrado, porém esse centro deslocou-se quase completamente para o Sul.

Nesses lugares terrestres parece que a atmosfera se torna tão sutil, que é mais etérea do que física. Já não existe ali a puna que mata o corpo, senão a puna que destrói as almas que não são fortes nem bastante valentes para enfrentar as provas antes de chegar até o lugar da reunião.

Mas o grande ponto de concentração é sempre o Oriente. Quando os Cavaleiros da terra e do céu viajam rumo ao Templo sagrado, que unicamente existe no quarto subplano do mundo astral, focalizam e se orientam na direção de Pamir, da antiga Kaor, e dali para a Eternidade.

Nessas viagens, as últimas visões terrestres que percebem são de altas mesetas, de cumes inacessíveis, de neves virgens, desconhecidas para todo mortal; e quando a alma, apoiando seus pés sobre a mística escada de cordas, olha o lugar que vai deixando, é a luz amarela do Oriente, da Índia, do Tibete, a última aura que vê.

As vibrações transformam os *mantras* dos Cavaleiros em correntes de vida, em linguagem eterna, que corre de um lado a outro do novo mundo. Ainda aqui são os Cavaleiros expectantes os divinos sacrificados, aqueles que estendem os braços aos Cavaleiros astrais que vêm da terra e do corpo físico, para cruzar a chama de Hes.

Sempre eles, os Cavaleiros do Umbral, vigias da Eternidade, resplandecentes em sua aura prateada de sacrifício, são os que levam suas taças brilhantes, cheias do néctar das almas, que só podem levar os que tudo deram por amor.

AS PROVAS INICIÁTICAS

9a. Ensino

Nos antigos mistérios de Elêusis se efetuavam ritos que correspondiam a esta iniciação astral. Também os sacerdotes egípcios simbolizavam essas realizações fazendo o aspirante passar pelas quatro provas. Os cristãos copiaram dos antigos e repetem essas cerimônias nas vestimentas e profissões religiosas.

As Ordens Esotéricas consideraram inútil repetir visivelmente essas cerimônias que eram completamente supérfluas, pois unicamente o Ser que está preparado para elas pode participar, porém sempre nos mundos astrais. Além disso, muitas vezes estes ritos se refletem acidentalmente na vida ordinária do discípulo.

O primeiro Cerimonial Dourado refere-se às quatro provas que o candidato deve superar para chegar às portas do Templo, onde será consagrado Cavaleiro da Eternidade.

As quatro provas são simbolizadas pelos quatro Cavaleiros que custodiam a entrada aos planos superiores. São similares aos ginetes do Apocalipse, ao espectro do umbral de Zanoni, às terríveis feras que guardam a entrada à Edda Escandinava; em suma, são aqueles princípios elementares que mantêm, impulsionam, governam e destroem a vida física: a paixão, a incerteza, o medo e a separatividade.

A paixão, nos seres que buscam a Senda, parece se adormecer; como animaizinhos domésticos, os instintos são afugentados pelos raios dos primeiros conhecimentos, dos primeiros vislumbres, das vitórias iniciais. O aspirante quase se esqueceu deles. Às vezes, passam-se anos sem que deem sinais de vida; mas um dia, subitamente, saltam para fora e desta vez transformados em feras terríveis. Este retorno das paixões ao ser, lei inevitável de consequências que a carne deve ao depósito material que a formou, é simbolizado pela terra, sendo chamado de prova da Terra.

Se já estiver habituado aos planos astrais, o buscador deverá passar pelo grande pântano. Que terrível é o pântano astral! O pé incerto afunda a cada passo; monstros horríveis pululam ali, como se esperassem, ansiosos, para devorar o viandante; mas se os Mestres deixam que ele chegue até ali é porque sabem que saberá cruzá-lo incólume. O asco à materialidade em sua forma astral, sem véus, mata as paixões, uma a uma. Quando chegar à margem oposta, jamais o instinto voltará a dominá-lo.

A segunda prova é a do ar. Para chegar ao Templo, terá que subir as escadas invisíveis que a ele conduzem. O corpo astral do candidato deve aqui habituar-se à quarta dimensão. Súbito, pavorosamente, seu corpo toma dimensões imensas e logo se apequena como se fosse desaparecer.

Além disso, as místicas escadas se lhe apresentam em forma de cordas penduradas e sem pontos de apoio. A incerteza é espantosa; parece-lhe, continuamente, que dali se precipitará no abismo e fica suspenso até que compreende que ali não há vazão. À medida que sobe se desencadeia o furacão. O furacão é a imagem da passagem de um estado astral a outro, superior.

A terceira prova é a da água; a do temor. Antes de chegar ao Monte Sagrado, é necessário cruzar o lago que o rodeia; ali, nadar de nada vale (o valor está no exercício de nadar).

Quando a impondência do monte embarga a alma, o temor vence e o corpo astral sente que se afunda em uma água que não afoga, senão que gela e paralisa todas as percepções. Mestres e Protetores invisíveis acompanham sempre os candidatos nessas provas, do contrário dificilmente os muito adiantados poderiam vencê-las. O temor é o inimigo mortal do homem e até que não seja plenamente vencido não se pode pensar em chegar muito longe.

A quarta prova dessa primeira parte do Cerimonial Dourado é a do fogo. Pense-se um instante em alguém que durante toda sua vida sonhou realizar um ideal e chega próximo ao momento de alcançá-lo, e só então compreende que unicamente com a morte o conseguirá definitivamente.

O Templo está rodeado de chamas inextinguíveis. Por ali não passarão incólumes os Cavaleiros; somente "O Cavaleiro". Inutilmente buscou a realização para ele. A realização está para além da personalidade. Todo conceito de separatividade há de ser apagado se se quiser passar por esse fogo que tudo destrói; tudo consome, menos o Espírito, a Unidade.

A segunda parte do Cerimonial Dourado representa as três tentações mentais indispensáveis para o reconhecimento da Divina Mãe e a identificação com Ela.

Tais tentações não são para seres vulgares, e sim unicamente para as grandes almas.

Jesus, antes de iniciar sua missão divina sobre a Terra, teve de passar por essas provas e vencê-las, pois o adepto domina a paixão da carne, a sede de domínio e o afã de riquezas.

Após incalculáveis lutas o ser cruzou o círculo de fogo; sua imagem já é a imagem de todos os seres e a túnica inconsútil que veste é o reflexo de todos os poderes manifestos.

Chegou a hora das Místicas bodas. A Divina Mãe levantará o véu para mostrar seu Rosto ao amigo desejado.

Três imagens femininas, de deslumbrante beleza, são apresentadas ao iniciado, vestidas de vermelho, de azul e de amarelo. A da Mãe Divina, branca e velada, se acha em sua presença, surgindo e ressaltando sobre o horizonte de fogo.

“Que vieste buscar, Peregrino, através de tantos perigos e de tantas provas?”

“A quem senão a Ti, ó Mãe Eterna?”

“Mas... Quem Sou Eu?”, diz a Mãe.

“És o resumo da vida, da beleza, do encanto, do triunfo da eternidade!”

Porém as três mulheres o tentam, pela última vez, cravando de novo em sua alma a dúvida.

Dizem-lhe: “Não sabes quem se esconde sob esses brancos véus. Por que não lhe pedes que se descubra em tua presença e se mostre tal qual é? Olha-nos tal como somos: a realização, o encanto, a vida, a variabilidade”.

“Não me peças tão grandes provas...” – diz a mulher velada.

Mas a dúvida entrou no coração do Cavaleiro; insiste em pedir-lhe que se descubra.

Ele diz: “Ainda que tenhas as formas mais horríveis, se és o sonho perseguido em minhas múltiplas vidas, te reconhecerei!”

“Assim seja”, diz a Mãe.

Esta é a prova da eleição.

Caem os brancos véus, cai o sudário. E, aos espantados olhos do Cavaleiro se apresenta a imagem mais horrorosa que se possa descrever. Um corpo velho, decrépito, que parece carregado de incontáveis anos. Carnes secas, apegaminhadas; um olhar que nada tem de humano.

As três mulheres riem, dizendo: “Eis aí a tua Amada!”

A Mãe, então, diz: "Elege; elas ou eu".

Se o Cavaleiro sabe suportar a prova da eleição, cai aos pés da Mãe e a adora em sua forma de destruição. Basta isso para que desapareça o pesadelo e a Mãe Divina recobra seu aspecto de eterna juventude e beleza.

Na Távola Astral essa Cerimônia é dirigida por uma Alta Entidade, que vem organizando as Ordens Esotéricas há muitas gerações e que já não toma corpo físico sobre a Terra. Ela dirige periodicamente a Távola Astral. Em sua última encarnação foi mulher e conserva, no astral, aspecto feminino, representando a Mãe Universal.

O Templo se encheu de trevas; tão densas e escuras que resultam inimagináveis.

Levantou-se a pedra negra da Mãe.

Na escuridão somente se vê o corpo adormecido da Mãe em seu ataúde eterno. Suspiros, sombras silenciosas e desconhecidos passos enchem o templo. E, pouco a pouco, vão se delineando as imagens, as sombras daqueles que foram poderosos, daqueles que dominaram a terra e vêm render homenagem à Rainha de todas as formas e de todos os poderes.

"Eu posso dar o cálculo exato. Eu posso dar a soberba ilimitada, indispensável para o triunfo. Eu posso ensinar os caminhos mais seguros para destruir e fazer o homem dono do mundo. Eu sou sombra, mas um dia me chamaram de Rei dos reis, caudilho, dominador, tirano, usurpador."

"Se quiseres te ensinaremos todas as nossas artes secretas; far-te-emos dono de todas as coisas do mundo".

“E em troca o que terei de dar?” - pergunta o aspirante. Um, que parece ser o Chefe desses espectros errantes, lhe responde como disse Satanás a Jesus: "Tudo isto te darei se prostrado me adorares".

Que ele responda como Cristo: "Vai-te, Satanás, que escrito está: ao Senhor teu Deus adorarás e a Ele somente servirás".

Adorará então a Divina Mãe unicamente e serão dissipadas as trevas. Passou felizmente pela prova da sede de domínio.

Ainda terá que passar a última prova mental: a sede de riquezas. Não somente das riquezas materiais como também das riquezas do saber.

A Mãe lhe mostrará todo o ouro escondido nas entranhas da terra, todo o ouro da inteligência e do saber e lhe dirá: "Toma-o, é teu".

Ele deverá responder: "A Ti somente aspiro e desejo".

Aproximam-se dele, então os Cavaleiros Astrais para vesti-lo com a armadura que têm esculpidas em letras de ouro, sobre o peito, as palavras: "Venceste".

A Sagrada Assembleia dos Cavaleiros Astrais reuniu-se, em mística roda, sobre a desolada montanha de Kaor, para realizar a terceira e última parte do Cerimonial Dourado, em benefício do novo eleito.

Ei-lo ali, o resplandecente Cavaleiro, avançando com sua escolta.

A couraça já não defende seu corpo físico, e sim uma armadura de maravilhosas e magnéticas vibrações que circunda seu corpo astral com deslumbrante esplendor. Todos os atributos materiais e símbolos iniciáticos se transformaram aqui, para Ele, em forças novas de poder e de magnificência.

Seu nome já não está escrito no colar: agora se encontra estampado sobre a matéria astral para toda a Eternidade.

O antigo Cavalo é aqui a planta de seus pés, que pode dominar o Universo.

A espada reluzente é Foa posto à sua disposição.

Observe-se o anel que brilha em seu dedo: é uma fonte de forças astrais que desce do céu à terra.

O selo do poder é aquela maravilhosa corrente serpentina que sobe e desce dentro de seu corpo astral com o reflexo de todas as cores.

Se se pudessem repetir com vozes humanas os Cantos dos expectantes Cavaleiros, se traduziriam assim: "Bem-aventurado és tu, que chegaste ao Último Dia e foste eleito para Esposo Eterno da Divina Mãe. Desposaste-A. Dispõe-te, pois, à prova do Espírito".

Sobre a terra, que descansa aos pés da invisível reunião, passa um estremecimento de admiração. E na hora crepuscular o sol poente despede-se e reverencia os Cavaleiros Astrais, cobrindo o céu de um vermelho sangue.

É a última hora; a hora do Espírito. A hora de compreender tudo para lançar-se depois na obscuridade sem limites, para juntar-se com Aquele que não se pode nomear.

Os elementais do ar fogem espantados, sulcando o horizonte vermelho com raios e relâmpagos.

Da antiga e morta cratera levanta-se a Imagem Eterna da Mulher Velada. Dentro de poucos instantes Ele e Ela estarão unidos permanentemente. Unidos: onde, como?

O Cavaleiro Iniciado avança em direção a Ela; os Santos Acompanhantes permanecem atrás. A voz (se assim se a pode chamar), fala: "Não sabes tu quanto tempo esperei por este instante; não sabes tu, criatura de um dia, que eu, desde o princípio do Universo, estou te esperando. Os mundos ainda não haviam sido feitos nem se havia começado a esboçar o plano do Cosmo, quando eu estava e também tu estavas. Mas eu era a luz e tu eras a treva. Desde então te amei mais que a todas as coisas, e por amar-te, te perdi; por amar-te, te dei a morte. Nunca viste a estátua de Kali dançando sobre o corpo morto de seu esposo, com a

faça sangrenta na mão? Isso não é somente um símbolo: é verdade. Eu te dei a morte. Ainda está viva em minha memória a realidade da lenda do Gênese, quando por amor vim a ti com a tentação e com ela te matei. Como eu era a Divindade, não podia unir-me à humanidade sem destruí-la. Por ti fiz o Universo e as cadeias planetárias e os milhões de mundos que coroa tua cabeça. E, através desses mundos e desses céus, tenho ido te buscando. Enquanto tu vagavas atrás da ilusão na qual me buscavas. Por teu amor destruí os mundos que fiz e pus guerra e sangue sobre a terra; para reconquistar-te carreguei-me de todos os crimes e de todos os males e destruí, com um movimento de minha mão, tudo o que impedia nossa união. Quantas vezes, chorosa te chamei e não me reconheceste! Quantas vezes tomei formas e aspectos diversos para que te recordasses de mim e tu me rejeitaste! Por ti deixei a Divindade e desci até as profundezas da dor e da miséria humana porque acreditava que fazendo-me semelhante a ti voltaria a conquistar-te. Ensinei-te leis e doutrinas e quis morrer como um Deus por teu amor. Porém, ainda assim não me reconhecias! Para que voltássemos a nos reunir foi necessário que a Divindade se fizesse humana, mas era também indispensável que a Humanidade se fizesse divina, ó meu Redentor!”

A intuição do Cavaleiro Iniciado se cobre de um denso véu: não compreende. Fala:

"Como é que foi necessário tanto padecer e tanto mal para chegar ao que éramos? Por que esse baixar e subir, esse descenso da Divindade à Humanidade, para voltar ao mesmo? Por que o crime, o horror e a miséria?"

"É que, na realidade, Cavaleiro, tu jamais deixaste de ser o que eras nem jamais foste o que acreditas ser. Como um jogo infantil, o Ser Divino, Luz Eterna, quer espelhar-se nas trevas. Não há descenso nem ascensão. Somente existe a ilusão que produz a luz ao refletir-se nas trevas. Os mundos não são mais do que sombras de Deus. Nem o bem nem o mal existem; nem o crime nem a dor. Aqueles que morrem voltam a nascer, e o mal de hoje é o bem de amanhã. Quando uma civilização é destruída e cai, é porque uma nova, melhor, se está gestando. Quando a arma criminosa abre o peito de um homem é porque um novo corpo, mais formoso, está pronto para ele. E mais: ninguém pode tocar o espírito nem nada pode lhe causar dano; sofre e pena, muda e se transforma enquanto assim o crê. Mas tão logo se reconhece a si mesmo, em qualquer ponto ou etapa do caminho em que se encontre e possa afirmar "Eu sou Aquele", desaparece a ilusão e é reintegrado à sua prístina Divindade e Essência."

“Então eu quero destruir de uma vez para sempre a ilusão; quero ser tal qual sou.”

Brilha no céu, que já se cobriu com o manto da noite, o eterno símbolo do Círculo e da Cruz: a Sagrada Ank.

Os lábios da esposa imortal se uniram com os do Cavaleiro imortalizado.

O eco dos Cantos Cavaleirescos repercute no Universo.

"Desde o princípio te conhecia; desde o princípio te amei. Os dois éramos Um.”

Quando os olhos se fixam sobre o cume para descobrir as silhuetas dos dois Amantes Perfeitos, veem que desapareceram.

Só a chama se levanta brilhante, sobre o cume do Monte.

AS ORDENS MILITARES CRISTÃS

10a. Ensino

Se consideradas agora as ensinações de Amon, não em seu refúgio mas entre os homens que lutam e sofrem, observar-se-á –durante o séc. I a.C.– que havia uma infinidade de Escolas, nenhuma das quais já puramente devota ao conceito do "Não Ser" ou ao do "Ser".

Predominava nelas uma dessas tendências. Para designá-las de um modo geral, ter-se-ia: de um lado, a doutrina de Amon, politeísta, Platoniana, idealista; de outro lado a de Aton, monoteísta, Aristotélica, materialista.

Essas escolas eram fundadas por "Renigar", renegados, o que não se deve tomar em um sentido pejorativo, pois tratava-se de seres, muitos deles Iniciados, que se haviam separado de escolas mais antigas, puras, que juntando suas próprias ideias, as de sua antiga escola e as de outras, fundavam uma nova escola. Destas costumavam separar-se outros "Renigar" que, por sua vez, fundavam outras.

Chama especialmente a atenção o fato de que pouco antes e depois da vida de Cristo tenham florescido tantas dessas escolas. Deve-se acentuar o caráter eclético das mesmas. Elas prepararam o terreno para a difusão do extraordinário trabalho de Jesus.

Os Iniciados Solares, antes de Jesus, vieram ao mundo de uma forma inacessível ao vulgo. Jesus, no entanto, veio redimir a todos.

O mesmo sucedia com as sociedades secretas: eram quase impenetráveis.

Jesus mostrou, em primeiro lugar, que era Homem. E fez o grande sacrifício de dar seu Corpo.

Ressuscitando e subindo ao céu mostrou, também, que o homem podia elevar-se até Deus. Que a esperança deve alcançar a todos. Que cada um pode realizar seu Deus.

Mas o cristianismo não se teria difundido tanto, dado o esoterismo de sua doutrina, se não tivesse tido um divulgador muito eficaz: Paulo de Asher.

Paulo deu aos povos as noções que se acreditava lhes eram inacessíveis. Atirou pérolas aos porcos; semeou a mãos cheias. Não ignorava que teria de pagar com seu próprio sangue a divulgação desses segredos. Não se perturbou por isso: sabia que o carma dele não entraria em ação antes que dissesse tudo o que tinha que dizer.

Paulo toma Cristo como exemplo, como homem que serve para seu propósito. Mas sempre se refere a Ele como o Redentor. Não menciona o Homem.

Deixa entrever, também, que detrás da união do Homem com o seu Salvador existe uma possibilidade maior ainda: algo assim como um Nirvana Búdico.

Sua obra foi tríplice:

1) Abriu um canal entre a Divindade e a Humanidade, toda a Humanidade. Isto está simbolizado na ferida de um dos lados do corpo de Cristo, da qual sempre mana sangue. Uma consequência disso foi o fato de que a partir de então as sociedades esotéricas não foram mais tão herméticas como antes; sempre há algum escape para se ingressar nelas,

como no fato de que deixam transluzir alguns de seus segredos. É que o sangue de Cristo se derramou sobre o mundo inteiro.

2) Estabeleceu que é pelo ato do Redentor que o homem se salva. Este já não necessita esperar a Graça. Já sabe que a Divindade se fez carne para ele também.

3) É um verdadeiro precursor do que ainda é uma esperança: a união do politeísmo com o monoteísmo; ou seja a pureza da concepção politeísta com a acessibilidade de todos os homens ao conceito do monoteísmo. Em síntese: a Redenção de todos os homens.

O politeísmo guardião do esoterismo.

Ao iniciar-se o cristianismo e ao afirmar-se como religião monoteísta, absorve o esoterismo, que só na dinastia dos Ptolomeus foi introduzido amplamente no monoteísmo.

No primeiro século cristão o esoterismo puro havia sido introduzido na igreja gnóstica que negava a autoridade suprema do antigo Testamento. Depois, destruída a igreja gnóstica, o esoterismo foi tomado pela Igreja Ortodoxa.

Viu-se, então, que o Cristianismo havia recebido um caudal espiritual imenso.

Depois do sacrifício redentor de Cristo, tornado compreensível para o povo por Paulo e pelo trabalho doutrinário dos Doutores, especialmente de Santo Agostinho, sua influência chegou a ser poderosíssima. Sua expressão, a Igreja, adquiriu enorme ascendência econômica e política. Porém, espiritualmente, decaiu a partir do século VI até o X.

Necessitava de uma renovação e após a favorável e direta renovação oriunda das Cruzadas, houve outra, mais dissimulada e profunda (consequência das Cruzadas): a trasladação das sociedades esotéricas para a Europa.

Sete grandes seres levaram os conhecimentos conservados no Oriente. A Europa necessitava de conhecimentos e, para tanto, esses seres lhe levaram uma instituição ainda desconhecida ali: a Universidade.

Naqueles tempos cada Universidade se dedicava a um só ramo do saber. Bolonha, ao direito; Salerno, à medicina; etc.

As que levaram consigo muitos segredos e por conseguinte muito saber, foram as Ordens Militares, especialmente a Ordem Teutônica.

Nesse momento se encontraram, pois, duas grandes forças espirituais na Europa: a Igreja e as recém-chegadas sociedades secretas. Aquela, algo decaída espiritualmente; estas, fortes de um milênio pouco ativo.

A concepção monoteísta da Igreja havia variado em algo: o Deus pessoal, Aquele que o homem podia realizar, já não era o Cristo, e sim a Igreja, ou o "Dogma". O contato com as sociedades esotéricas vivificaria seu conteúdo espiritual.

Esta unidade de ação culminou quando um grande místico e ocultista, Gilberto –monge– foi elevado ao Trono Pontifício com o nome de Silvestre II (morreu em 1003).

Ficavam unidos ambos os sóis: Amon e Aton.

O colégio cardinalício foi, assim, um verdadeiro colégio de sábios.

Era necessário instruir os eclesiásticos. Os regulares não tinham contato algum com o povo: faziam vida piedosa para si mesmos. O clero apenas conhecia o latim indispensável para celebrar missa.

As Ordens Cavaleirescas não podiam encarregar-se dessa tarefa por serem seculares os seus membros. Foi então que um cardeal, mais tarde o papa Gregório IX, organizou uma Ordem religiosa cujas regras foram tomadas em parte das Ordens Militares.

Tal como nestas, havia três graus que correspondiam às três formas que a Igreja tem para cumprir sua Obra: a Mística, o Apostolado e a Ensinança. Os Conventos teriam que manter escolas.

O ser eleito foi Francisco de Assis, por ser seu caráter mais adaptável a esses planos. Tinha fama de santidade. Arteiramente, Gregório IX fez sancionar constituições redigidas por ele. Francisco não ficou conforme, porém, sem dúvida, o propósito do papa era bom. É conhecido o êxito desta Ordem e de outras fundadas posteriormente.

Parecia invencível essa união da Igreja com as sociedades esotéricas. Porém já havia, latente, uma divisão: o papado e o império. Algumas das sociedades esotéricas puseram-se do lado do primeiro, as demais, do outro. Na realidade, não eram tendências puras, mas as que apoiavam o papado eram antes idealistas, partidárias do Não Ser como expressão suprema. Durante a Idade Média, esta tendência era a dos Nominalistas: "Tudo é uma só Voz". Contra estes se levantaram os "realistas".

A importância que alcançaram as sociedades esotéricas ganha especial relevo ante o fato de que o Grande Mestre da Ordem Teutônica, Hermann von Salza, negociou um acordo entre o papa Bonifácio VIII e o Imperador Frederico II. Mais tarde, em 1544, Alberto Margrave de Brandeburgo, último Grande Mestre dessa Ordem e primeiro duque da Prússia, fomentou especialmente a educação em todas as cidades do estado prussiano e foi o fundador de escolas onde se ensinava o latim, assim como do Ginásio de Königsberg e da Universidade do mesmo lugar. Fez imprimir em sua corte livros alemães (catecismos etc.) e aos servos que queriam dedicar-se ao estudo, deu-lhes a liberdade. Também guardou o tesouro das Ensinanças Esotéricas herdadas de seus irmãos de religião e as circunscreveu a uns tantos sábios. Entre as fileiras Luteranas nasceram assim as Associações Esotéricas que eram mantidas muito herméticas e das quais se conserva um magnífico documento nas "Bodas Químicas" de Valentin Andreade, suposto fundador da Rosa-Cruz.

A CORTE DE CATARINA DE MÉDICI

11a. Ensino

Suprimidas as Ordens Militares, semi-escravizadas outras, destruída pela Inquisição toda investigação psíquica, as Ordens Esotéricas se debilitaram e encarnaram nos alquimistas da renascença, refugiados nas diversas cortes da Europa, sobretudo a da França.

Foi Catarina de Médici quem os reuniu ao seu redor e tornou possível a conservação da sabedoria esotérica.

De ambição incomensurável, Catarina de Médici tinha como fim restabelecer a grandeza da casa real e para tanto empregaria todos os sistemas, fossem bons ou não. Autoritária e fatalista, não podia ser guiada nem pelo catolicismo nem pelo protestantismo. Somente diante de um astrolábio, dos espelhos mágicos e dos círculos goéticos, ela inclinaria sua soberba preeminência. Sempre enigmática e misteriosa, boa, má ou cruel (muitas vezes guiada pelas ciências ocultas), será, alternada ou simultaneamente, esposa, mãe e ditadora. Sem nenhuma das debilidades físicas ou morais características de seu sexo, possuirá as mais altas das qualidades de um administrador de Estado.

Encurralada entre o republicanismo huguenote e a tradição católica, soube guardar o trono dos Valois por meio de combinações cuja arte provoca ainda hoje inveja aos mais hábeis políticos. Será a autoridade forte, inflexível e clarividente, rápida em suas decisões, não temendo emboscadas, injúrias nem os terríveis meios de ação empregados contra si. Chegou a exclamar: "quanto mais mortes, menos inimigos", resumindo esta frase de uma carta dirigida a de Gordes, todo seu caráter de mulher que colocava sua dignidade de Rainha-Mãe acima de todos os sentimentos.

De moderada coqueteria, fora de seu marido e filhos não se lhe conhecem outros amores. E ainda para com os filhos, só tem ímpetos de ternura enquanto estão numa idade em que não podem se aproveitar disso para relaxar sua autoridade, suprimindo-os logo que se tornam capazes de governar. Não obstante, desfalecerá ante seu filho Henrique III, que paga seu profundo carinho com ingratidão. Ela só tem um ideal: a coroa da França, sua dignidade e orgulho, tanto como seu dever. O cetro reúne, pois, todas as suas alegrias, apesar dos combates diários e das perpétuas duplicidades que deve criar ou destruir ao seu redor. Formada ao contato da turba revolucionária, Catarina é natural partícipe dos Médici, políticos ardentes e lutadores, que vive em luta desde a infância, desenvolvida em meio aos ódios desencadeados pelo despotismo de seu pai.

Bárbaros foram os homens para com ela; aos 9 anos, prisioneira em um convento, Bautista Cei propõe atá-la desnuda sobre os muros de Florença, entre duas ameias, exposta aos canhões dos sitiadores, e Bernardo Castiglione, julgando insuficientemente infamante esta proposta, insinua que se dê fim à discussão entregando-a aos soldados estrangeiros para que a desonrem violando-a. Com tais antecedentes pode Catarina considerar que a bondade, a generosidade e a piedade humanas constituem a beleza da existência?

Casada, não foi feliz. Henrique II não a considerou senão como um ser útil para a perpetuação de sua raça. Sua vibração amorosa, sua admiração e submissão amante, ele as deu inteiramente a Diana de Poitiers. Catarina foi o acessório obrigatório, imposto pelas exigências e pelos interesses políticos de um trono.

A fim de conservar a boa vontade de seu marido, Catarina chegou a viver em grande acordo com a amante de Henrique II. Sua esterilidade –sua obsessão–, fez com que no início se colocasse nas mãos dos médicos da corte, porém a ignorância destes fez com que se lançasse nos braços dos grandes mistérios, pelos quais se sentia atraída por atavismo de família e raça. À consulta a adivinhos e tarôs se uniam beberagens mágicas e poções medicinais de toda espécie.

Quando tudo parecia vão, entra em cena o infatigável e sábio médico Juan Fernel, que sacrificou à ciência médica de sua época e às matemáticas, sua fortuna, prazeres e saúde, com convicção e desinteresse exemplares. Tão grande era o número de enfermos que afluíam à sua casa que, às vezes, comia em pé, escutando seus consulentes, ricos e pobres, com enorme paciência.

O remédio que Fernel aconselhou a Catarina –parece ser a coabitação durante um determinado período– fez com que lhe nascesse o primeiro filho, 10 anos depois de casados. E chegaram a dez os filhos que teve.

Se durante os primeiros anos de seu reinado havia passivamente suportado Diana de Poitiers, sua rival, superou seus ciúmes tão logo foi mãe, encerrando-se em seus deveres de esposa submissa e mãe devotada, consagrando-se unicamente ao cuidado de seus filhos. Porém, depois do desastre de São Quentim, reaparecerá em cena novamente e, quando todos se desesperam, ela saberá reavivar a energia abatida, arrancar do Parlamento uma elevada soma com sua vivacidade e eloquência e atrair para si, em um só dia, toda a opinião pública.

Mas todo seu poder está na fé de que ela é uma predestinada e que lhe são enviados mestres para que a guiem. Nostradamus influiu notavelmente nela.

A morte de seus amigos, os duques de Guisa, assassinados por ordem de Henrique III, foi um duro golpe para Catarina e influiu sobre sua saúde, caindo enferma para não levantar-se mais. Uma pneumonia aguda causou sua morte, que se produziu sem grande sofrimento, rodeada por seus servidores, a 15 de janeiro de 1589.

Seu ataúde de chumbo teve que esperar 20 anos para ser transportado à real sepultura que, sob seus próprios olhos, ela havia mandado construir na basílica de Saint Denis, pois ao morrer foi sepultada, com poucas pompas, na terra, o que não era de estilo para as personalidades da época.

Henrique III compreendeu bem a enorme perda que sua morte significava e para Catarina foi um grande consolo não ver o desmoronamento de toda sua obra política, ocorrida poucos meses após haver desaparecido, com a queda dos Valois.

Deste ser, cuja vida foi tão agitada, dominada pelo desejo de governar, tão intrigante como diplomática, indulgente e implacável, supersticiosa e crédula, católica e huguenote, tímida e astuta, sempre impenetrável, escapam, não obstante, qualidades incontestáveis de energia, fina inteligência e clarividência, que lhe permitiram não temer jamais os perigos nem os azares dos combates políticos e religiosos, embora houvesse temido tanto os humanos como o porvir e isto a tenha levado para os oráculos de astrólogos e magos.

Porém seu mérito maior foi haver permitido que ao seu redor se desenvolvessem homens como Nostradamus, Cornélio Agripa, Jerônimo Cardan, os Ruggieri e outros.

OS ORÁCULOS ASTROLÓGICOS

12a. Ensino

Considere-se aqui, nesta estranha corte de Catarina de Médici, pelos meados do século XVI, os mais importantes oráculos astrológicos de seu tempo: De Luc Gauric e Nostradamus, estreitamente relacionados com a família dos Médici.

Luc Gauric, que foi mestre do erudito filólogo paduano Julio Scaliger, era já um astrólogo e matemático famoso, cuja ciência era universalmente conhecida. Nascido de uma família pobre, a 12 de março de 1476, em Gifoni, reino de Nápoles, começou penosamente sua vida ao ter que sustentar-se com o produto de suas lições a filhos de grandes senhores. Dedicou-se depois ao estudo da astrologia judicial, ou seja, o estudo da influência dos astros no destino dos seres, ciência para a qual contribuiu com um novo método de observações do horóscopo.

Justificadas plenamente várias predições suas, ganhou fama rapidamente, e os mais altos personagens de todas as cortes italianas vinham consultá-lo. Entre esses veio, para sua desgraça, Juan II Bentivoglio, tirano de Bolonha. Ante a consulta sobre seu destino como chefe de estado e a resposta de Gauric de que morreria expulso de Bolonha, o príncipe condenou Gauric a dar cinco voltas de estrapada, suplício de cujas consequências sofreria durante muitos anos. Porém, o mesmo Bentivoglio, ao abrir as portas da cidade ao papa Julio II, em novembro de 1506, deu uma vez mais razão à arte adivinatória de Luc Gauric, que conquistou maior popularidade ainda. É quando o papa Paulo III faz seu horóscopo com ele e Luc Gauric, com uma precisão surpreendente, prediz a enfermidade e a morte desse papa, que se produziu exatamente no dia indicado: 20 de novembro de 1549. Mas, sem esperar a realização da profecia, o papa Paulo III recompensa Gauric por seu saber, concedendo-lhe o bispado de Civita Castellana e conferindo-lhe o grau de Cavaleiro de São Paulo, que Luc Gauric desfaz 4 anos depois, quando da morte do dito papa, voltando definitivamente para Roma.

Da volumosa obra escrita de Luc Gauric, destaca-se, sem dúvida, como a mais curiosa: "Lucas Gaurici geophonensis episcopi civitatensis tractatus astrologicus, in quo agitur praeteris multorum hominum accidentibus proprias eorum genituras, ad unguem examinatis - in-4", publicado em Veneza em 1552.

Na família dos Médici os astrólogos sempre encontraram uma acolhida muito favorável, de maneira que não é de admirar que os pais de Catarina consultaram Gauric e este, assim como havia predito a Hamilton, arcebispo de San Andrés, que sua prelatura terminaria no suplício, predisse em 1493 a João de Médici, tio avô de Catarina, –então cardeal de 14 anos– que chegaria a ser papa, como de fato aconteceu 20 anos mais tarde, tomando a tiara sob o nome de Leão X. A outro tio de Catarina –Júlio de Médici– predisse que seria licenciado ao extremo, teria grandes lutas políticas e grande progênie. Como se sabe, Júlio de Médici, eleito papa sob o nome de Clemente VII, tornou-se célebre por suas lutas com Carlos V e Henrique VIII da Inglaterra, e por suas aventuras femininas, das quais teve 29 bastardos.

Convertida em Delfina da França, Catarina quis saber o destino de seu esposo. De acordo com as regras das triplicidades de Diocle e de Avicena, Gauric resumiu suas observações e declarou para começar, que o delfim chegaria certamente a empunhar o poder real, que sua

subida ao trono seria marcada por um duelo sensacional e que outro duelo poria fim ao seu reinado e à sua vida. Predisse, ademais, o tipo de ferida de que morreria Henrique II no transcurso do anunciado duelo. Porém, como a situação social do príncipe tornava impossível o perigo moral de um duelo propriamente dito, deu-se pouco crédito à predição do célebre astrólogo. Gauric, no entanto, não deixou de insistir em suas declarações, impressas em Veneza em 1552, ou seja, 7 anos antes do famoso duelo em que Henrique II encontraria a morte. Havia, além do mais, advertido o rei por carta, renovando-lhe a predição com riqueza de detalhes, recomendando-lhe que "evitasse qualquer combate singular em campo fechado, sobretudo em torno dos 41 anos, pois nessa idade estava ameaçado de uma ferida na cabeça que poderia trazer como consequência a cegueira ou a morte". Henrique II se impressionou ligeiramente.

Esta predição, não obstante, causou tal obsessão em Catarina, que pediu ajuda aos mais famosos sábios de sua época, tanto para controlar os cálculos do astrólogo como para conjurar o perigo anunciado. Assim, recorre a Gabriel Simeoni, astrólogo florentino que foi também literato de medíocre talento. Porém Simeoni era nada mais que um ambicioso pedante, sendo portanto suas conclusões sobre o horóscopo de Gauric confirmações banais que não tinham outra finalidade que a de manter em Catarina a cega confiança que ela depositava na ciência astrológica.

Mas veja-se também, nesta corte de Catarina, outro ser que, desde o século XVI até os dias atuais, tem sido objeto da mais entusiasta admiração e dos mais duros epítetos, autor das estranhas "Centúrias": Miguel de Notre-Dame mais conhecido pelo nome latinizado de Nostradamus.

É inegável que as 80 edições das "Centúrias", livro misterioso, denotam que é obra de um cérebro invulgar que não careceu de leitores ingênuos ou clarividentes. Não há dúvida que, à margem da superstição ou do exagero dos apologistas de Nostradamus, seu nome é realmente digno de ser incluído na lista dos grandes intelectuais dos séculos XVI e XVII ao lado de João Amado de Chavigny e Baltazar Guynaud.

Graduado em medicina com a idade de 22 anos na faculdade de Montpellier, este íntimo amigo de Júlio Cesar Scaliger exerceu por longo tempo a cátedra de medicina dessa faculdade.

Depois, sem abandonar a medicina, apaixonou-se pela astrologia, estudou os velhos textos de literatura, traduziu documentos astrológicos da antiguidade, retificou muitos cálculos astronômicos, adquirindo assim tal renome que o duque e a duquesa de Saboya se interessaram por ele e o consultaram no Salón-de-Craux, lugar habitualmente fixado como sua residência.

Em 1555 publicou suas três primeiras Centúrias às quais agregou os 53 primeiros quartetos da Quarta Centúria, com uma epístola a seu filho, César de Nostradamus.

Nesse mesmo ano, Henrique II, que ouvira falar das "Centúrias" e da sorte que Nostradamus lhe predizia nesse livro, surpreendeu-se ante a concordância que existia entre esta predição e a que anteriormente lhe fizera Luc Gauric. A 15 de agosto de 1555, chamou Nostradamus à corte, onde o adivinho lhe confirmou verbalmente os presságios de morte inseridos sob a seguinte forma, deste teor aproximado na tradução:

O jovem leão sobrepujará o velho

No terreno da luta em duelo singular
Em caixa de ouro lhe traspassará os olhos
Duas classes, uma somente, depois (ruptura) morrer
de morte cruel.

Apesar desta redação parecer um tanto enigmática, é preciso reconhecer que os acontecimentos provaram que ela era ajustada nos detalhes e tão precisa como a de Gauric.

Morto Gauric a 15 de março de 1558, Nostradamus, definitivamente agregado à corte da França na qualidade de médico astrólogo, converteu-se em conselheiro do rei, com a verdadeira simpatia de Catarina de Médici, que o consultava com frequência sobre assuntos pessoais e também sobre atos que Henrique II devia realizar. De acordo com os conselhos do adivinho ela aumentava dia a dia a vigilância e as precauções necessárias à segurança do rei. Ademais, as duas predições concernentes à vida de seu marido haviam se tornado obsessivas para ela.

Enquanto violentas discussões político-religiosas se sucediam no Parlamento, com ataques a Henrique II por suas relações com Diana de Poitiers e pelas práticas ocultas de sua mulher e que originaram a prisão de Du Bourg, Du Faur, de outros três conselheiros e um presidente, instituindo como juízes dos magistrados prisioneiros uma comissão arbitrariamente eleita, às ordens do bispo e do inquisidor de Paris, e Henrique II castigava severamente aos que considerava hereges, iam chegando ao fim os preparativos para as festas reais de Isabel da França, filha mais velha de Henrique II e sua irmã Margarida, unidas ao rei de Espanha e ao duque de Saboya, Philibert- Emmanuel, respectivamente.

A 30 de junho de 1559, às 9 horas da manhã, o rei fez anunciar a abertura dos torneios com toques de cornetas. Após o almoço declarou que tomaria parte nos mesmos na qualidade de "tenant", ou seja, de defensor nos combates a serem realizados em campo fechado e ordenou que lhe trouxessem as armas. Após lutar com M. de Saboya e M. de Guise, coube a vez ao jovem conde Gabriel de Montgomery, senhor de Lorges. Ao completar suas três carreiras, o rei pediu a M. de Vielleville, o "tenant" que o sucederia, que lhe permitisse tomar revanche quebrando uma lança suplementar com o conde de Montgomery. O rei e o conde encontraram-se perto da metade do trajeto. As lanças, chocaram-se no peito de ambos, quebraram-se. Após cada um ter chegado à extremidade oposta à respectiva entrada, deviam voltar a galope ao ponto de partida, o que os obrigava a encontrar-se novamente. Porém sucedeu que nesse regresso M. de Montgomery não arrojou, segundo era costume, o pedaço que restava de sua lança quebrada, ao passo que o rei havia arrojado a sua. O conde avançou rapidamente empunhando o pedaço de lança que lhe restava quando, de súbito, a viseira do capacete real foi levantada pela violência com que o pedaço de lança foi de encontro à cabeça de Henrique II. O pedaço de lança entrou pelo olho direito do rei e saiu pela orelha.

Assim, de forma acidental, "em duelo singular", cumpriram-se as profecias de Gauric e Nostradamus, morrendo o rei em 10 de julho de 1559, após onze dias de agonia.

Se Nostradamus não era astrólogo e sim clarividente, cujas profecias lhe foram apresentadas por meio de espelhos mágicos, ou era vidente extralúcido, como afirmam certos autores, a verdade é que seu oráculo, como o de seu antecessor Gauric, resultou estritamente real, minuciosamente confirmado pela fatalidade na época e forma em que também Luc Gauric havia predito a morte do rei, ante a consulta de Catarina de Médici, sempre tão inquieta sobre o porvir.

A MAGIA CIENCISTA

13a. Ensino

A Magia Cientista da Renascença e dos tempos de Catarina de Médici, levou, não obstante, à restauração das Ordens Esotéricas.

Em Paris, nos salões e cafés onde se reflete a agitação, a curiosidade e também a credibilidade intelectual da época, proliferam ocultistas de boa fé e charlatães, entre os quais –tendo de uns e de outros– está o cartomante Etteilla Aliette, que se diz aluno do conde de Saint-Germain.

Segundo a baronesa de Oberkirch, jamais os Adeptos, os profetas e tudo aquilo que lhes concerne, foram tão ouvidos e tão numerosos. A conversação versa quase exclusivamente sobre esses temas; eles ocupam todas as ideias, golpeiam todas as imaginações, até mesmo as mais sérias. São reeditadas e arrebatadas as "Centúrias" de Nostradamus. Luchet calcula em mais de 30 os príncipes europeus, sobretudo nórdicos, que pertencem a diferentes lojas, sem contar o Czar Paulo da Rússia, fervoroso adepto das ciências ocultas.

Eram chamados de "iluminados" os teósofos –que descartavam toda magia teúrgica– e os cabalistas que continuavam (talvez em forma um tanto fantástica) as tradições da alta magia. Cada tendência tinha suas figuras eminentes: Swedenborg e Lavater entre os teósofos, enquanto que Dom Pernetty e Martinez de Pasqually pareciam ser os conservadores mais zelosos das práticas cabalísticas. Claudio de Saint Martin pertenceu a ambas as tendências sucessivamente.

Swedenborg –esse sábio universalmente conhecido em sua época– membro das mais importantes academias científicas da Europa; filósofo e místico, descrevia suas visões e suas viagens ao outro mundo, publicava suas relações com os anjos e fundava grupos e lojas que deviam, com o tempo, transformar-se, em parte, na igreja Swedenborgiana, primeira seita espírita.

Dom Pernetty, antigo beneditino, navegante entusiasta que acompanhou Bougainville em sua volta ao redor do mundo, veio do norte de Berlim para estabelecer-se em Avignon sob a ordem de seu oráculo cabalístico: A Santa Palavra.

Lavater, pastor protestante, tão tolerante que enviava a "boa Mãe, a igreja católica, a todos aqueles que não encontravam a paz na Igreja reformada", foi um iluminado cheio de bondade, benfeitor dos emigrados durante a revolução e autor da "fisionomia", na qual ele retomou a tese muito antiga de que pela fisionomia é possível conhecer "o homem interior". Sua influência foi imensa entre os grandes da terra.

"Vi –escreve Mirabeau– cartas de Lavater a soberanos, sob este protocolo: "meu querido, meu muito querido" e via a resposta dos soberanos admirando-o, obedecendo-o, rendendo-lhe preito, assim como seus partidários reverenciá-lo como a um Deus sobre a terra". O próprio Lavater fez a descrição de uma cerimônia da loja dos iluminados de Copenhague, dirigida por Carlos de Hesse, que permite saber que nessa loja não era um oráculo cabalístico quem dirigia os trabalhos, mas sim uma luminosidade fosforescente que, por meio de sinais convencionais, respondia sim ou não às perguntas feitas pelos adeptos, permitindo-lhes tomar decisões inspiradas em uma intervenção celestial. Em 1754, Martinez de Pasqually, Rosa-Cruz, fundou um rito particular maçônico: "Os Eleitos Cohen", cujas lojas mais célebres foram as dos Filateos (alquimistas), os Iluminados de Avignon e a Academia de verdadeiros maçons de Montpellier.

O MARTINISMO

14a. Ensino

É no século XVIII que se cimentam as Ordens Esotéricas.

Martinez de Pasqually representa o protótipo moderno do Fundador de escolas esotéricas.

Aos 18 anos saiu de Portugal rumo ao Oriente, de onde regressou várias vezes, acreditando-se que esteve no Turquestão, na meseta de Pamir, regressando pela última vez com a idade de 42 anos, quando começou sua missão de Fundador, que duraria dez anos, período no qual encheu de sociedades secretas toda a França e países vizinhos, que seriam o teatro da grande revolução que se estava gestando.

De sua ensinância se conhecem, somente dois manuscritos. O “Tratado da Reintegração dos Seres – em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina”, composto de várias partes e que não tem por objeto tratar do estado atual das coisas, e sim do restabelecimento de seu estado primordial, do homem assim como dos seres em geral. Este escrito oferece, sem dúvida, magistralmente, o pensamento de Pasqually.

A primeira escola fundada na França foi a de Bordéus, e nela se oferecia um conjunto de símbolos completados por práticas teúrgicas visando a obter a ajuda de Entidades Superiores no desenvolvimento do plano de evolução. Essas operações teúrgicas eram muito importantes naquela escola e a totalidade delas formava um verdadeiro culto, cujo resultado final era levar o homem à citada reintegração.

Esse contato com Entidades Superiores tinha o propósito de que o homem lograsse ouvir o Verbo em seu interior, e segundo disse seu discípulo Saint Martin, seu Mestre tinha nesse aspecto muito grandes poderes.

Levava uma vida envolta em mistério; chegava a uma cidade não se sabia como nem por que, abandonando-a sem que se soubesse quando nem como. Jamais buscou fama ou dinheiro. Vivia modestamente e passou amiúdo por situações difíceis, mas sempre dignamente e alojando em sua casa membros da Ordem que vinham a Bordéus. Dali seguiu para Lyon e depois a Paris, fundando novas lojas em cada uma dessas cidades.

A primeira foi fundada em 1754 e nela ingressou Saint Martin, levado por vários oficiais da guarnição que pertenciam a ela.

De Paris foram seus discípulos mais famosos: Cazotte, M. D’Hauterive e o abade Fournié.

Conta este último que foi encontrado por Pasqually, que lhe disse familiarmente: “O senhor deveria vir conosco que somos boa gente. Abrirá um livro, olhará a primeira folha, a página do centro e a última, lendo somente algumas palavras e saberá todo o conteúdo do mesmo.”

“O senhor verá caminhar toda classe de pessoas pela rua; essas pessoas não sabem por que caminham; o senhor saberá”.

Suas instruções diárias eram no sentido de elevar-se sem cessar a Deus, aumentar continuamente as virtudes e trabalhar pelo bem geral.

Refere o mencionado abade que um dia, enquanto rogava a Deus que o socorresse em suas tremendas lutas internas, ouviu a voz de seu Mestre, falecido dois anos antes, e ao olhar na direção de onde saía à voz, viu Martinez de Pasqually acompanhado dos pais do abade, falecidos havia vários anos, uma irmã desaparecida 20 anos atrás, e de um ser que não pertencia ao gênero humano.

Poucos dias depois viu Jesus Cristo crucificado, visão que mais tarde se repetiu, mas saindo vivo do sepulcro até que, na terceira oportunidade, apareceu novamente Jesus, glorioso e triunfador do mundo, caminhando diante do abade com a Virgem Maria e mais várias pessoas.

Suas visões continuaram, mas devido à incredulidade e à zombaria de seus contemporâneos, guardou silêncio.

Ao estourar a revolução de 1789, Cazotte professava os mesmos princípios que a provocaram, porém em sua maior pureza e por isso os excessos posteriores provocaram nele vivos temores e para combatê-los imaginava mil meios que, ao serem expressos com a mesma sinceridade e expansão que dava ao seu proselitismo religioso, causaram sua primeira prisão ao serem todas essas ideias descobertas na correspondência que trocava com um secretário da lista civil, chamado Ponteau.

Esse ser tirou grande proveito dos estudos ocultos da Ordem, tomando Cazotte especial interesse pelo espiritualismo dos textos cristãos, pelo Evangelho, sobretudo pela moral que continham.

M. D'Hauterive, grande amigo de Saint Martin, realizou em Lyon, juntamente com esse outro discípulo de Pasqually, três anos de estudos sobre astrologia, magnetismo, sonambulismo, sobre os signos e as ideias, o princípio e a origem das formas, as Santas Escrituras etc.

Foi também aluna destacada a Marquesa de La Croix, que desenvolveu disposições místicas que lhe permitiram alcançar um estado intermediário entre o êxtase e a visão.

De outro de seus discípulos, chamado Willemoz, conta-se que seu Mestre Martinez de Pasqually apareceu para avisá-lo que os revolucionários viriam a apoderar-se de todos os seus livros e ensinanças que guardava em seu poder, o que lhe permitiu salvar, um dia antes, dois grandes baús, nos quais zelosamente Willemoz guardava a sabedoria que mais tarde formaria a base das sociedades secretas, o espiritismo etc.

Na chamada Escola do Norte, destacaram-se, entre outros membros, o príncipe de Hesse, o conde Bernstorff, a condessa de Reventlow e o célebre Lavater, que tanta fama adquiriu depois na Suíça.

Estes dois últimos, Reventlow e Lavater, renunciaram depois à escola, influenciados possivelmente pelo grande amigo de Saint Martin, o barão de Liebisdorf, seguindo a mística mais pura que Saint Martin preconizava e que o distinguiria de seu Mestre Martinez de Pasqually, cujas escolas eram mais de práticas teúrgicas.

Terminada sua missão na Europa, Pasqually embarcou rumo à ilha de São Domingos, falecendo em Porto Príncipe em 1779.

Os discípulos diretos de Pasqually prosseguiram com os trabalhos da Ordem até o ano de 1782, durante o qual os Martinistas fizeram uma aliança com a Ordem da Estrita Observância do barão de Hund; esta inspirada por Saint Martin e dirigida e organizada pelo barão de Hund, sendo os arquivos confiados a J.B. Willemoz para a criação do Rito Reformado. As negociações seguiram até 1789, quando foram interrompidas pela Revolução.

De Martinez de Pasqually pode-se dizer que foi como uma rajada de ar que varreu a Europa preparando a revolução francesa ao criar a mentalidade necessária para isso e que foi o criador do tipo de sociedades secretas que depois haveriam de dedicar-se à política, como os Carbonários na Itália, os Iluminados na França e, mais tarde, as lojas que como a de Lautaro trouxeram o fermento revolucionário para a América, enquanto que aquelas fundadas por seu discípulo Saint Martin depuraram o ritual e buscaram somente o conhecimento e a União Divina.

SAINT-GERMAIN E OS ROSA-CRUZES

15a. Ensino

As Escolas Esotéricas, antes da Revolução Francesa, dividiram-se definitivamente em duas classes. As do tipo rosa-cruz completamente herméticas, partidárias do Rei Ungido (monarquia), e as mais liberais, favorecedoras do movimento popular e do livre pensamento. Saint-Germain é o último desses místicos rosa-cruzes inacessíveis.

De físico medíocre era Saint-Germain, não obstante, muito sedutor, segundo refere Casanova que, dizia-se, também era rosa-cruz. Ele o descreve assim: “Era difícil falar melhor que ele. Tinha um tom decisivo, porém de natureza tão estudada que não desgostava. Era um sábio; falava perfeitamente a maioria dos idiomas, era grande músico, grande químico, de agradável figura e um mestre para conseguir docilidade de todas as mulheres.”

Dominando idiomas, consumado violinista e clavecinista (Rameau ficou maravilhado ao ouvi-lo) era, igualmente, pintor cujas cores tinham tal brilho que Latour e Van Loo pediram-lhe amiúde e inutilmente, seu segredo.

Segundo se depreende das “Memórias” da condessa de Adhemar, intituladas “Souvenirs de Marie Antoinette” (Paris, 1821), o conde Saint-Germain, que havia prestado importantes serviços à França em vida do rei Luís XV, e isto durante uns 20 anos, nos quais atuou em diferentes cortes europeias tão ativamente como na da França, foi visto em diferentes ocasiões depois de longas ausências e sempre conservava o mesmo aspecto de um homem de uns 40 anos. A mesma condessa relata que ficou muito impressionada em 1821, ao ver que ela já era uma anciã e o conde conservava o mesmo aspecto de uns 40 anos de idade e a tez fresca e jovem como quando o viram pela primeira vez.

Grande alquimista conhecia o procedimento para cristalizar artificialmente o carbono, pois, Iniciado que era, sabia da ciência que transmuta os metais.

Porém vejamos o reverso da medalha. Parece não haver sido o conde somente um animador; sua ciência, sua sedução, seu poderio não serviam apenas para maravilhar as pessoas. Ele tirava disso outro e maior proveito para um plano muito mais sério.

A França continuava, sob a sábia inspiração de Choiseul, a política de Luis XIV, que foi o primeiro a compreender o perigo da nascente Prússia. Mas a Inglaterra era favorável à Prússia. Saint-Germain se empenhava em influenciar o rei a favor do partido inglês e ofereceu-se para negociar a paz com a Inglaterra. Sem dúvida, Luis XV, iluminado por Choiseul, compreendeu seu erro e desaprovou oficialmente seu agente. Mas era tão grande a influência de Saint-Germain sobre o rei, que uma vez mais foi ouvido e empregado como espião.

Por que este grande senhor diletante e alquimista trabalhava para o rei da Prússia? Os próprios rosa-cruzes darão a resposta. O conde era rosa-cruz e se esforçava para convencer o rei. Conta-se que quando da desapareção misteriosa do procurador de Chatelet, ocorrida em 1700, Saint-Germain deu ao prefeito da polícia o segredo do enigma. Seguindo suas indicações o cadáver foi encontrado. Nessa oportunidade teria manifestado ao rei: “Fazei-vos rosa-cruz e responderei a vossas perguntas de como pude resolver este assunto”. Se isto tivesse acontecido ter-se-ia salvo a coroa da França e o rei seria Rei Iniciado.

Sendo rosa-cruz tem informações sobre cem assuntos diferentes, o segredo da pedra filosofal e receitas de alquimia. Porém, sendo rosa-cruz deve obedecer a seus chefes.

Saint-Germain se espanta com o rumo que tomam os acontecimentos e os prediz dia a dia, com a certeza de quem está nos bastidores. Maria Antonieta foi prevenida da mesma forma que o rei. Saint-Germain tentou com seus conselhos, não ouvidos, destruir os conselhos que os cortesãos davam ao rei, entre eles Maurepas, conselhos que deviam produzir, como produziram, os acontecimentos de 1793 e a época do terror sangrento em que a França se viu envolvida. Observando essa época de terror através do tempo, pode-se crer que tenha sido algo necessário para que, passando por essa prova dolorosa, fosse a nova França em que imperassem, ou tentassem imperar, os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Porém, não é exatamente assim. Se foi uma coisa absolutamente necessária, o foi tão somente no último momento do reinado de Luís XVI, devido ao estado especial a que as coisas haviam chegado, e que já não permitiam outra solução. Mas se o rei tivesse ouvido os conselhos de Saint-Germain anos atrás, toda essa mudança social que a França tinha que realizar carnicamente, ter-se-ia efetuado por meio de uma evolução inteligente e não através de uma violenta revolução.

Dizem os rosa-cruzes que dentro de algum tempo o conde voltará à vida pública na Europa, embora não se saiba com que nome ou aspecto, e que ele vive atualmente, em corpo físico, em um castelo na Hungria.

O rosa-cruz Carlos Webster Leadbeater relata que o encontrou no Corso de Roma em 1901, e falaram naquela ocasião mais de uma hora no parque Pinciano. Afirmam que este Iniciado se ocupa da situação política da Europa e tem a seu cargo movimentos espiritualistas no mundo que se desenvolvem em uma atividade cerimonial, como a Maçonaria e muito especialmente a Comaçonaria ou Maçonaria Mista Escocesa que, espalhada por todo o mundo, tem sua sede em Paris com o título distintivo de “O Direito Humano”, e que não se deve confundir com a pseudo-maçonaria chamada de Adoção.

A REVOLUÇÃO FRANCESA E AS LOJAS LIBERAIS

16a. Ensino

Na França, apesar das diversas proibições, a maçonaria e suas reuniões secretas haviam aumentado notavelmente já durante a primeira metade do século XVIII.

Dividiam-se em diversas lojas. Em Paris havia bastantes lojas florescentes: A Estrela Polar, Os Irmãos Artistas, A Reunião dos Estrangeiros e outras. Em todas se estudavam as ciências antigas, se cultivava a filosofia, discutia-se sobre problemas físicos e morais, e se praticava um cristianismo evangélico.

Outros ritos e formas de maçonaria se haviam difundido também, rapidamente, na França e em outros países até o ano de 1700.

Martinez de Pasqually passou pela França, de 1767 a 1771, como um meteoro, deixando atrás de si uma infinidade de fundações de caráter puramente ocultista: Rito dos Eleitos Cohens, chamados Martinistas e que se dividiram depois em dois ramos: os teúrgicos, dirigidos por Willermoz e os místicos, dirigidos pelo conde de Saint Martin, ambos discípulos de Pasqually.

Um pouco mais tarde, em 1781, Cagliostro fundou a Maçonaria do Rito Egípcio, admitindo nela as mulheres.

Havia também em Paris a loja maçônica feminina: O Condor, do ramo de adoção, fundada em 1775 e dirigida pela duquesa de Bourbon e que se dedicava a obras de beneficência.

A ela aderiram as mais prestigiosas damas da corte, desde a princesa de Lamballe e a condessa de Polignac, até a própria imperatriz Josefina, que ingressou em 1804.

Os nobres e os sábios ingressavam em massa nessas distintas Lojas, apesar dos vetos da lei e da excomunhão da Igreja Romana. Em outros estados, eram dirigidas às vezes pelos próprios príncipes, e Frederico, o Grande, da Prússia, era um deles. As finalidades dessas reuniões eram, além do estudo das filosofias, dos mistérios da Cabala e da Bíblia, as investigações físicas e teóricas alquimistas e também havia quem se dedicasse ativamente aos assuntos sociais.

Na França, foi nessas lojas que os sábios e os nobres idearam a Revolução Francesa que a Canalha do Terror executaria em 1793.

Durante todo o século XVIII Paris seria o centro dessa estranha atividade ao mesmo tempo oculta e política. Ver-se-ão homens como Cagliostro chegar da Alemanha onde as seitas maçônicas são numerosas e atuam como irmãos, como se o golpe que devia ser fatal à antiga ordem devesse ter lugar em Paris, ali aonde vão e vêm os personagens misteriosos que assombram o mundo por sua ciência secreta, curam enfermos, semeiam o ouro e os diamantes, têm conciliábulo com o rei, os ministros, os cardeais e as rainhas, desaparecem, morrem, reaparecem, e se recorda que a Rosa-Cruz preconiza para sua ação os meios mágicos, o emprego da pedra filosofal (que, parece, somente se outorga aos rosa-cruzes de segundo grau, como Cagliostro), o dom de idiomas, a obrigação de trocar de país, de nome, de costumes, e até mesmo de fingir uma falsa morte. Sua ação será, assim, considerável, e todos atuam sutilmente num sentido bem definido.

A figura de Saint-Germain aparece em primeiro plano nos primórdios da Revolução Francesa. Sua missão parece ter sido a de dar aos Enciclopedistas uma base para a renovação das ideias e das leis, além de tratar de salvar a monarquia francesa, vigiando de perto todo o processo de sua queda, esperando sempre uma oportunidade de salvação; porém as circunstâncias não lhe foram propícias e somente pôde continuar com sua missão consoladora de conselheiro.

Como foi visto todos estes agrupamentos tendiam, para um mesmo fim: a cultura da mente e do espírito, porém socialmente se haviam estabelecido duas correntes fundamentalmente distintas.

A Maçonaria contemporânea, as divisões do Martinismo e o Rito de Cagliostro tendiam para a fórmula constitucional, a liberdade e o nivelamento de todos os seres. E esses agrupamentos atuavam em diversos países com distintos nomes: Carbonários, na Itália; Caçadores, no Canadá; Lautaros, na Argentina. Eram os centros de liberdade dos povos.

Mas, dedicando-se aos problemas da vida, afastaram-se demasiado dos do espírito e no fim a própria Maçonaria passou do liberalismo ao nacionalismo positivista e daí ao materialismo. A árvore havia dado seu glorioso fruto de liberdade e podia morrer.

No entanto, outras Escolas Esotéricas queriam manter o antigo espírito do individualismo seletivo, da superioridade das atividades espirituais sobre as materiais, da herança dos reis e sacerdotes iniciados. Desejavam reviver e seguir as tradições dos Cavaleiros Templários, e Saint Germain inspirava estes grupos.

Em Paris os Maçons se chamavam “Amigos Reunidos” e haviam selecionado entre eles um grupo chamado os Fileletes (buscadores da verdade).

Por isso, Cagliostro se negava a assistir à Convenção maçônica de Paris, reunida em 1775, se não fossem queimados antes os escritos dos “Amigos Reunidos”.

Estes, inspirados por Saint-Germain, dedicaram-se a uma severa reforma. Foi a que o barão de Hund dirigiu, fundando em 1751 a Ordem da Estrita Observância. Quando de sua morte, sucedeu-o o duque Fernando de Brunswick, íntimo amigo do conde.

Vejam finalmente uma figura que sai do livro da história do século XVIII com sua fina silhueta sobressaindo dos amplos e faustosos trajes de estilo Pompadour, com seu sorriso astuto acentuado pela peruca empoada e os sinais pintados no rosto, para apresentar-nos sua esquecida personalidade: a condessa de Adhemar.

Existem figuras que desempenharam papéis de grande importância para a humanidade que unicamente aparecem entre sombras e esquecimentos. Em um determinado momento, entram quase inadvertidas no cenário do mundo, levando em suas mãos uma lâmpada com a qual iluminam um grande acontecimento e desaparecem em seguida, caladamente como vieram. Existem almas que tiveram a missão característica de educar, amar, estimular, orientar ou trabalhar interiormente em uma Grande Obra que outros levaram a bom termo. A condessa de Adhemar foi uma dessas.

Como foi dito, pouco se sabe dela. O conde de Adhemar desempenhou diversos cargos de importância em diversas cortes europeias, entre elas em uma embaixada na corte da Inglaterra, sempre acompanhado de sua esposa. Porém, o que não se sabe é o verdadeiro

caráter, a real orientação interior da condessa; e o que se acredita saber é, em sua maior parte, reflexo de suposições.

Não obstante, um fato indiscutível ilumina essa vida: foi amiga do conde de Saint-Germain, a quem chamava em um tom entre frívolo e respeitoso: o homem dos milagres.

Ela não seguiu a tendência democrática dos nobres da corte, que em tropel ingressaram na Maçonaria, e era inimiga acérrima das novas ideias e por isso muito estimada, porém não favorecida, pela rainha Maria Antonieta.

Como o conde de Saint-Germain e o barão de Hund, era católica fervorosa (estes não desejavam afastar-se da Igreja, pois queriam restabelecer a antiga Ordem dos Templários).

Naturalmente, nunca pôde dar-se conta das altas finalidades de Saint-Germain, que não só desejava salvar o trono da França do grande desastre, senão que caminhava pelas cortes da Europa buscando o rei que pudesse ser Rei Iniciado dos Estados Unidos da Europa, Rei de reis.

Por seu caráter um pouco frívolo e um pouco crédulo, a condessa viu-se envolvida nos projetos do conde, sem perceber ao certo o papel que desempenhava, porém isto não foi mais que uma idealização de uma idade de ouro impossível.

A Revolução e o povo ganham a França e, paulatinamente, o mundo e esses grandes seres desaparecem nas sombras.

A condessa de Adhemar, já velha, não se pode mover em sua poltrona. Um estranho visitante entrou em seu aposento.

Seus olhos cansados e semicegos não distinguem nas sombras, mas como num sonho vê seu visitante: é o conde de Saint-Germain, sempre com o porte aristocrático, com o aspecto juvenil de toda sua vida. Ela estremece. Bem sabe o que ele lhe profetizou; sabe que esta é a sexta e última vez que o vê e que seu fim está próximo.

-E então?... - começa a condessa com sua voz trêmula.

-Pois bem –segue o conde–, terminamos. Fracassamos.

-Fracassamos? Os Bourbons voltaram e a França parece redimir-se!

Ele ri... Não olha para a França. Contempla o porvir e o mundo, esse formoso século de liberdade que tem diante de si. Todas as bandeiras flamejam ao sol dos magos dos povos.

- Não, condessa; nós terminamos. O Rei Iniciado morreu. Eu retorno à minha terra (melhor: “meu céu”), e minha coorte me acompanha. Vim buscá-la.

E enquanto flamejam ao sol de maio as bandeiras desse século libertador de povos, o antigo Iniciado, seguido pelos seus, se afasta rumo à sua terra de promessa, seu céu.